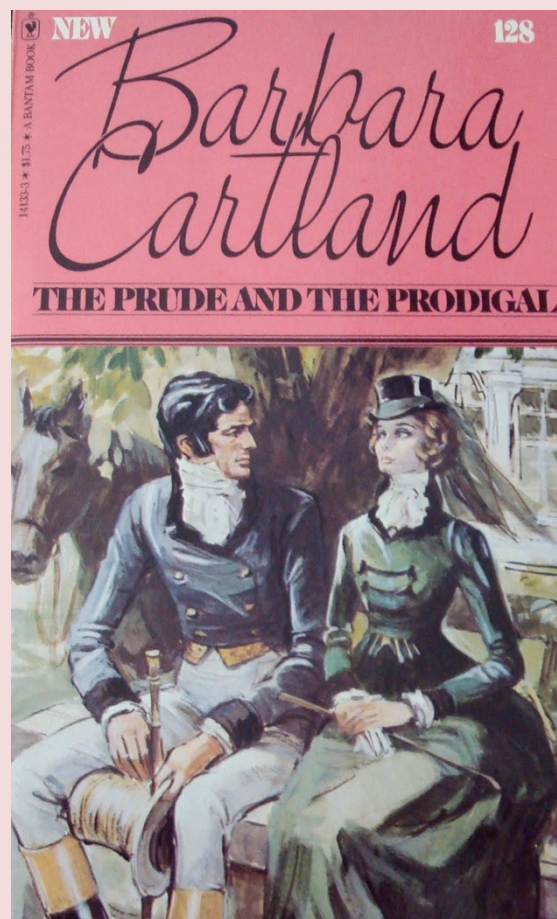


Orgulho de Mulher

THE PRUDE AND THE PRODIGAL

Barbara Cartland



O boato espalhou-se como fogo pela aldeia.

Depois de quinze anos de ausência, o senhor de Winslow estava de volta.

Desde pequena, Prunella ouvia histórias fantásticas sobre aquele homem, que tinha fugido da Inglaterra levando a esposa de um amigo. E desprezava tudo que o conde Gerald de Winslow representava. Mesmo assim, teria que engolir seu orgulho: ele era a única pessoa que poderia salvar sua irmã Nanette de um casamento desastroso. Mas bastou um encontro para destruir suas esperanças. O novo conde era mesmo tudo aquilo que diziam: um egoísta cínico mas atraente ... Perigosamente atraente.



Título original: "THE PRUDE AND THE PRODIGAL"

Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1980

Tradução: DIOGO BORGES

Copyright para a língua portuguesa: 1982

ABRIL S A. CULTURAL E INDUSTRIAL

Caixa postal 2372 — São Paulo

Composto na LINOART e impresso em oficinas próprias

CAPÍTULO I

1817

Prunella despertou e, no mesmo instante, começou a pensar em Nanette.

Era seu hábito rezar assim que acordava, mas naquela manhã, o problema que a atormentava desde a véspera não a deixava se concentrar nem mesmo nas orações.

— Que devo fazer? — perguntou a si mesma, sentindo que já havia esgotado todas as possibilidades.

Parecera-lhe excelente idéia que Nanette, tão bonita e inteligente, fosse apresentada à corte aos dezessete anos. Muitas garotas da alta sociedade debutavam naquela idade e, como o luto pelo pai delas terminava em março, aceitou com entusiasmo a sugestão de lady Carnworth, que queria que a afilhada fosse apresentada à rainha, no palácio de Buckingham, em fins de abril.

Prunella calculou que isso daria tempo a Nanette para comprar roupas elegantes para as festas a que compareceria, além de ganhar um pouco mais de sofisticação e desenvoltura, que seriam essenciais quando fosse fazer sua primeira reverência à rainha.

Assim, aceitou o gentil convite de lady Carnworth, mandando a irmã para Londres, em companhia de sua criada e de um criado de confiança.

— Não entendo por que você não me acompanha — queixou-se Nanette.

Na verdade, tal idéia jamais lhe ocorrera: sabia que lady Carnworth não haveria de querer tomar conta de duas moças. Além do que, já passara da idade de debutar.

— Estou velha demais para isso! — disse, sorrindo.

— Não está coisa nenhuma! — respondeu Nanette, que era muito leal à irmã.

No entanto, não voltou a tocar no assunto. Prunella sabia que Nanette ficava um tanto constrangida ao pensar em como a sua vida tinha sido aborrecida e melancólica, naqueles últimos três anos.

Entretanto, Prunella não pensava em si mesma, mas em Nanette. Por isso, deixou-a ir para Londres. E agora estava arrependida.

Ela havia voltado para casa na segunda semana de junho, depois que o regente trocou o palácio de Carlton pela temporada à beira-mar e que as festas terminaram.

— Você vai me contar tudo, querida pediu, assim que ela regressou.

Nanette conversou aparentando grande preocupação, mas Prunella conhecia a irmã suficientemente bem para perceber que estava lhe escondendo alguma coisa.

Logo ficou sabendo do que se tratava, pois lady Carnworth lhe escreveu uma carta:

"Não preciso lhe dizer que Nanette fez um enorme sucesso. Todo mundo se encantou com a sua aparência, seus trajes (de que eu mesma cuidei) e, é claro, com as suas excelentes maneiras e a delicadeza de seu temperamento.

"Não vou lhe negar, Prunella, que o fato de ela ser uma herdeira aplainou o caminho e lhe abriu as portas. Graças a isso, recebeu muitos convites. Mas é claro que uma jovem rica também pode encontrar problemas. E é sobre um desses problemas que quero lhe falar confidencialmente. Chama-se Pascoe Lowes.

"É filho de lorde Lowestoft e durante toda a vida foi mimado por uma mãe possessiva. Além do mais, é muito bonito, a ponto de tirar a tranqüilidade de qualquer garota. Quando ele se mostrou interessado em Nanette, fiquei abalada e fiz o que estava a meu alcance para afastá-lo, esforçando-me por fazê-la entender que ele goza da péssima reputação de caça-dotes e é, portanto, muito pouco recomendável.

"Espero que, agora que Nanette voltou para o campo, se esqueça dele, mas acho meu dever preveni-la de que o rapaz se mostrou muito persistente. Em conseqüência, Nanette desinteressou-se de dois rapazes excelentes, que, se fossem encorajados, teriam se aproximado mais dela.

"Perdoe-me, querida Prunella, por não ter podido impedir essa situação, apesar de não saber o que mais poderia fazer para mantê-los afastados um do outro, depois que se conheceram. Tenho certeza de que, quando conversar com Nanette, conseguirá levá-la a encarar a situação com sensatez. Ela pode fazer coisas muitos melhores do que perder tempo com Pascoe Lowes".

Prunella leu a carta várias vezes e, porque amava a irmã, esperou até que Nanette se decidisse a fazer-lhe confidências.

Isso acabou acontecendo, quando chegou de Londres uma carruagem com uma enorme quantidade de flores e uma carta.

Naturalmente, Nanette ficou excitada com tal extravagância.

— Imagine só, ele mandar flores de tão longe. . .

— Seu admirador deve ser muito rico! — observou Prunella.

Foi então que o assunto veio à tona.

— Minha madrinha diz que Pascoe é um caça-dotes, mas não é verdade. Ele me revelou, com a maior franqueza, que não tem dinheiro e que teria me amado mesmo que eu também não tivesse um centavo.

— Mas, meu bem, acontece que você é muito rica, e não consigo deixar de pensar que seria um grande erro casar com um homem pobre.

— Mas ele poderá gastar o meu dinheiro.

— Se fosse um homem decente, ficaria constrangido por se encontrar em semelhante posição.

Insistiu no assunto, até perceber que Nanette não a ouvia, e que olhava, enternecida, para o enorme buquê e acariciava o envelope que o acompanhava.

Uma semana mais tarde, Pascoe Lowes chegou, hospedando-se em uma casa a uns três quilômetros de distância.

Prunella ficou surpresa por ele conhecer gente da região, mas lembrou-se de que a mãe dele era a filha mais velha do falecido conde de Winslow.

— Não me lembro dele, mas agora me recordo de que lady Anne se casou com lorde Lowestoft, cujo nome de família é Lowes. Que tolice a minha não pensar nisso antes. . .

O conde de Winslow, que tinha sido grande amigo do pai delas, costumava declarar o quanto se aborrecia com a presença de seu genro e, em conseqüência, lorde e lady Lowestoft raramente se hospedavam em seu castelo.

Tudo isso acontecera quando Prunella ainda era criança. Lorde Lowestoft vivia agora muito doente, preso ao leito, e o conde estava morto.

Que pena!, Pensou Prunella, tinha certeza de que o velho homem orgulhoso e até um pouco amedrontador, jamais permitiria que o neto se comportasse de modo desonroso. E o que era pior do que ser considerado por todos como um vulgar caça-dotes?

Assim que Pascoe Lowes foi anunciado, a moça percebeu que seria difícil convencer Nanette de que ele não passava de um rapaz bonito e muito bem vestido.

Prunella nunca tinha ido a Londres e, assim sendo, não fazia a menor idéia de como era um homem verdadeiramente elegante.

Pascoe Lowes aproximou-se e lhe pareceu tão fantástico, que ela ficou olhando-o boquiaberta, como um peixe dourado em um aquário.

— Sinto imenso prazer em conhecê-la, Srta. Broughton. Sua irmã não cansou de elogiar sua beleza e suas virtudes, a ponto de eu acreditar que estava exagerando. Mas vejo que tinha razão.

Ela, certamente, é um bom ator, pensou Prunella. Além disso, ninguém podia negar que se tratava de um homem encantador. Apesar de toda a sua prevenção, Prunella surpreendeu-se sorrindo de seus elogios.

O rapaz obviamente, não prestava atenção ao que ela dizia; só tinha olhos para sua irmã. Olhava-a de um modo tão ardente e significativo, que qualquer moça ficaria fascinada. Ainda mais, alguém tão inexperiente como Nanette.

Terminada a visita, e Pascoe foi suficientemente esperto para não demorar muito, Prunella estava realmente alarmada.

Ele representava tudo o que ela detestaria em um cunhado e sentiu que tornaria Nanette muito infeliz.

Como é que uma garota nascida no campo poderia tolerar um marido que devia passar horas atando o laço da gravata de um modo tão difícil e elaborado, só para fazer os rapazes elegantes sentirem inveja?

Ele se penteava seguindo a moda recente e, ao que se dizia, engraxava as botas reluzentes com... Champagne!

Champagne!, Pensou Prunella abismada. Isso, quando não tinha um centavo e, com certeza devia estar cheio de dívidas!

Quando o rapaz foi embora, depois de fazer os mais extravagantes elogios a Prunella e segurar a mão de Nanette muito mais do que o necessário, não havia dúvida de que deixara uma forte impressão.

Nanette sentiu-se nas nuvens durante toda a tarde e Prunella imaginou que, o que quer que dissesse contra Pascoe Lowes, entraria por um ouvido e sairia pelo outro.

Naquela noite, foi se deitar preocupada. O que devia fazer? O que podia fazer?

Ouviu a porta do quarto se abrir. Era Charity, a criada que cuidava dela desde a infância e que se aproximava da janela, procurando não fazer barulho.

Charity recebera esse nome tão estranho no orfanato onde tinha sido criada, e já tinha certa idade. Com o passar dos anos, tornara-se governanta do castelo e, desde a morte de sir Roderick, era dama de companhia das duas moças.

Charity afastou as cortinas e o sol entrou. Voltou-se e, mesmo antes de abrir a boca, Prunella soube que tinha algo importante para lhe contar.

— O que foi, Charity? — perguntou, sentindo instintivamente, que não eram boas notícias.

— Chegou mais uma carta para a Srta. Nanette hoje de manhã. Até parece que ela já a estava esperando. . . Desceu correndo a escada e foi até a porta da frente, não esperando que Bates a abrisse!

— Já estava vestida?

— Não, usava penhoar! Eu lhe disse: "Francamente, Srta. Nanette, devia se envergonhar; isso não são modos!"

— O que foi que ela respondeu?

— Foi como se eu estivesse falando com as paredes! Passou por mim apertando a carta contra o peito, foi para o quarto e ouvi que se trancava.

— Oh, Charity, que vamos fazer?

— Não tenho a menor idéia, Srta. Prunella! Não sei o que seu pai diria, se a tivesse visto, indo até a porta da frente naqueles trajes e com todos os criados presentes!

O problema não era com Bates, o mordomo, pois estava no castelo há quase tanto tempo quanto Charity. Nem com o criado que atendia à porta, o neto de Bates, rapaz um tanto simplório e distraído, incapaz de reparar em como as pessoas se vestiam.

Na verdade, eram os princípios que importavam. Prunella achou seu dever repreender Nanette e fazê-la prometer que aquilo não voltaria a acontecer.

Charity foi até a porta e voltou com uma bandeja, na qual havia uma xícara de um delicioso chá chinês e torradas com manteiga. Colocou-a sobre a mesinha, ao lado da cama de Prunella, dizendo :

— A Sra. Goodwin trouxe notícias surpreendentes hoje de manhã)

A moça começou a tomar o chá ouvindo sem muito interesse.

A Sra. Goodwin morava nas terras do castelo e vinha ajudar a fazer a limpeza, mas passava mais tempo falando do que fazendo qualquer outra coisa.

— Ela contou que o Sr. Gerald voltou ontem à noite!

— Como? O Sr. Gerald?

— Acho que eu devia dizer o senhor conde, mas me parece tão esquisito falar dele assim. . .

— É impossível. . . Não está querendo dizer que. . .

— Sim, Srta. Prunella, o novo conde de Winslow voltou para casa, se é que podemos acreditar na Sra. Goodwin. Depois de quatorze anos!

— Não pode ser verdade! Já começava a pensar que ele nunca mais voltaria.

— Pois chegou, e, na minha opinião, veio ver como estão as coisas!

— É mesmo?

Mais do que surpresa, Prunella estava esperançosa.

— O conde é parente de Pascoe Lowes e. . .

— A senhorita está muito enganada, se pensa que ele vai impedir aquele rapaz de perseguir a Srta. Nanette. Ele é tão ruim como o sobrinho, ou pior!

Não era preciso acrescentar mais nada, pois Prunella agora se lembrava de que sempre ouvira falar das extravagâncias e do comportamento censurável do único filho do conde, Gerald.

Quando ele morava no castelo, a aldeia e toda a região não falavam de outra coisa, a não ser de suas aventuras, suas festas suspeitas, seus elegantes amigos, das mulheres fascinantes que ele perseguia e que o perseguiam, segundo se comentava. . .

Em 1803, durante o armistício entre a França e a Inglaterra, as coisas chegaram ao cúmulo.

Prunella tinha apenas sete anos na ocasião e não tinha consciência do que acontecia, no entanto, mais tarde, os fatos lhe foram contados e repetidos tantas vezes, que os conhecia tão bem como o catecismo.

Com o passar do tempo, as histórias foram aumentadas e tão exageradas que, se ela as tivesse ouvido pela primeira vez, acharia impossível que fossem verdadeiras.

Conhecendo o velho conde como conhecia, sabia não haver a menor dúvida de que ele, como toda pessoa autoritária, só fazia o que lhe convinha e, aparentemente, o filho era igual.

Ambos eram obstinados, prepotentes e se excediam em suas atitudes, mas o conde comunicou a Gerald que as suas aventuras precisavam terminar, que ele devia parar de gastar tanto dinheiro e que a melhor coisa a fazer era se casar e sossegar.

Gerald respondeu que não tinha a menor intenção de assumir tal compromisso.

— Eles pareciam dois galos de briga! — disse um dos velhos criados a Prunella. — Nenhum deles cedia e, quando o velho conde percebeu que estava sendo desafiado, irritou-se profundamente!

Prunella tinha visto mais de uma vez os acessos de cólera do conde e os achava terríveis, mas ficou sabendo que Gerald também era temperamental.

— Nenhum dos dois cedia, e o conde acabou ameaçando deixar o filho sem um tostão e completou a ameaça com uma série de insultos.

Gerald disse ao pai o que ele podia fazer com o dinheiro.

— Belas palavras! — disse o conde. — Mas em breve você ficará na rua da amargura e virá correndo pedir a minha ajuda!

— Prefiro morrer. Pode guardar seu maldito dinheiro, seus conselhos e suas censuras. Quanto à minha herança e a este castelo, ao qual parece dar tanto valor, que apodreçam. Estou pouco ligando. Por mim, esta casa pode desabar, que não levantarei sequer um dedo para impedir.

Não podia ter dito nada que deixasse o conde mais enfurecido, mas, antes que o velho pensasse em uma resposta à altura, Gerald foi embora.

As próximas notícias que tiveram foi que o rapaz tinha partido da Inglaterra levando com ele a jovem e bela esposa de um vizinho, e o marido ameaçava matá-la "como se mata um cachorro"!

Desde então, ninguém mais soube dele, nem da amante. Um mês mais tarde, a guerra contra a França recomeçou, e se os dois tivessem ido para Paris, como parecia, era provável que fossem feitos prisioneiros.

Muitos ingleses conseguiram escapar das prisões de Napoleão, mas Gerald não estava entre eles.

Cinco anos se passaram, até se saber, por acaso, que a mulher que havia partido da Inglaterra com ele tinha morrido de cólera em um país do Oriente.

Ignorava-se se Gerald estava vivo, mas Prunella se lembrava de que, há quatro anos, o conde tinha contado a seu pai que recebera uma carta de um amigo, informando-o de que Gerald tinha sido visto na Índia.

Não se falava em sua volta, que teria sido bastante difícil, a menos que ele embarcasse em um navio de transporte de tropas, pois, apesar da Inglaterra dominar os mares, a viagem até a Índia era longa e perigosa. Os únicos navios que faziam o trajeto (com seis meses de duração) eram os que levavam soldados ou os traziam de volta para casa.

Um ano antes da morte do pai de Prunella, o conde de Winslow teve um ataque do coração.

Entregou-se a um de seus freqüentes acessos de cólera e, quando caiu inconsciente no chão, foi impossível salvá-lo. Apesar de durar mais dois meses, acabou morrendo sem recuperar a consciência.

Em parte devido à perda do velho amigo, sir Roderick Broughton foi perdendo aos poucos a vontade de viver. Prunella cuidou dele dia e noite, pois não gostava que fosse atendido por estranhos. O pai apegou-se a ela de tal forma, que não lhe sobrava tempo para fazer mais nada.

Se ela não se encontrava em seus aposentos durante o dia, ele a chamava; e até mesmo durante a noite solicitava a sua presença duas ou três vezes, apenas para vê-la.

Mostrava-se implicante, irritável e difícil. Quando finalmente morreu, Prunella estava exausta, à beira de uma depressão.

Foi Charity quem a pôs na cama, e ela dormiu sem acordar durante quarenta e oito horas seguidas.

— Preciso levantar! — disse, ao perceber que havia perdido dois dias.

— Vai ficar exatamente onde está, senhorita! — declarou Charity, com firmeza.

— Mas. . .

— Nem mas nem meio mas a Srta. Nanette e eu daremos conta de tudo. Volte a dormir, e eu a despertarei quando precisar de sua ajuda.

Prunella sentia-se tão cansada e fraca que obedeceu.

Soube, mais tarde, que o tratamento de Charity a salvara de um colapso nervoso, devido exclusivamente à fadiga.

No começo, mal conseguiu acreditar que estava livre para viver a própria vida, sem ouvir o pai chamando-a a todo momento, sem precisar pensar em seu conforto o dia inteiro.

Depois, descobriu que havia muitas providências a tomar e das quais só ela poderia dar conta.

Agora, enquanto se vestia, imaginava se o novo conde se comportaria como o pai.

Depois de ter ficado ausente durante todo aquele tempo, com certeza, haveria de querer reparar o passado e assumir sua posição de chefe da família.

O velho conde sempre se comportara como uma espécie de personagem bíblico. Apesar de Prunella mal se lembrar de seu filho, tinha certeza de que ele desejaria seguir a longa linha de sucessão dos Winslow que tinham vivido no castelo, tornando-o um lugar de grande importância, não só para a família, mas para toda a região.

Enquanto abotoava o vestido, lembrou-se subitamente, do que Charity tinha dito:

— Acho que ele deve ter voltado atrás do dinheiro!

As palavras da criada pareciam ecoar no quarto, e Prunella sabia que o novo conde de Winslow ia ter um choque. Por sinal, dos mais desagradáveis.

Duas horas mais tarde, Prunella subiu na carruagem fora de moda, mas muito bem conservada, puxada por dois cavalos de raça e dirigiu-se para o castelo.

O velho cocheiro não se surpreendeu ao saber para onde pretendia ir, e ela ficou imaginando se ele estaria a par do regresso do conde. Era provável. A notícia já devia ter se espalhado, pois a Sra. Goodwin não conseguia controlar a língua.

Não ia ser um encontro fácil, e desejou que alguém a tivesse acompanhado para lhe dar apoio.

Sabia que a presença de Nanette seria mais do que inútil; principalmente, depois de ter recebido a carta de Pascoe, naquela manhã. Além do mais, o que tinha a dizer ao conde era algo que sua irmã não precisava saber.

Podia ter levado Charity, mas seus ácidos comentários sobre o passado do "Sr. Gerald" não melhorariam em nada a situação.

Era difícil prever qual seria a reação dele.

A carruagem levou-a através da aldeia, deixando para trás a pequena praça, o lago onde nadavam alguns patos e o velho asilo, construído pelo antigo conde, em dias mais prósperos.

A carruagem entrou no parque do castelo. A entrada era vigiada por porteiros, mas estavam tão velhos e decrepitos que já não conseguiam mais cuidar dos portões, que ficavam permanentemente abertos.

O parque era cortado por uma comprida alameda ladeada de carvalhos e que precisava urgentemente de pavimentação. Ao fundo, via-se o castelo.

Era uma belíssima construção, projetada pelo grande arquiteto Inigo Jones, mas necessitava de pintura e algumas das janelas do último andar estavam em péssimo estado. O primeiro e segundo andares, no entanto, estavam na mais perfeita ordem, pois tinham sido reformados recentemente.

A carruagem parou diante dos degraus que levavam à imponente entrada, por sinal, aberta naquele momento.

Dawson, o cocheiro, estava velho demais para ajudar Prunella a descer, mas ela se arranjou sozinha.

— Devo esperá-la aqui, Srta. Prunella, ou é melhor ir para os fundos?

— Acho que deve ir para os fundos, Dawson, para verificar o que está acontecendo e ver se os criados estão bem. Devem estar preocupados com a volta inesperada do senhor conde.

— Pois não, senhorita.

Ela subiu correndo os degraus e entrou. Como esperava, não havia ninguém no vestíbulo. Apesar de sentir-se um pouco nervosa, caminhou decidida, em direção à biblioteca, onde pressentia que o conde estava.

Mas a biblioteca estava vazia, assim como o grande salão, cujas janelas continuavam fechadas e a mobília coberta por pesados lençóis de linho.

Prunella hesitou durante alguns momentos e subiu a escadaria, que tinha um belíssimo balaustre de ferro do século XVII. Dirigiu-se para a galeria de retratos, que ocupava toda a frente do bloco central do castelo. Sabia que encontraria o conde lá e por quê.

Não se enganou. Havia um homem na galeria. Estava de costas para ela, e, durante alguns instantes, Prunella não notou que era muito alto e de ombros largos. Viu apenas que olhava para um quadro de Van Dyke.

Ficou tensa. O homem devia ter ouvido seus passos, pois virou a cabeça, e ela constatou que Gerald, sexto conde de Winslow, não era absolutamente nada daquilo que esperava.

Por ter ouvido tantas referências a seu comportamento dissoluto e extravagante, achava que ele devia ser bastante elegante e talvez parecido com o sobrinho, Pascoe.

O homem a encarou com uma expressão de surpresa. Vestia-se com tanta simplicidade, que Prunella teve absoluta certeza de que Charity estava certa: tinha voltado para vender o que pudesse.

Sua casaca era muito bem cortada, mas um tanto folgada; não havia nada de extraordinário em suas calças e as botas precisavam de graxa. Quanto à gravata, Prunella podia jurar que deixaria Pascoe horrorizado. Até mesmo a seus olhos, parecia descuidada e deselegante.

A pele do conde era bem morena, provavelmente, por causa do sol da Índia.

Enquanto estudava o conde, ele fazia o mesmo em relação a ela. Desejava saber quem era aquela mulher e se já a tinha visto antes.

A princípio, pensou que era uma senhora de meia-idade, iludido pelo vestido cinza, severo e sem enfeites. Em seguida, notou que o rosto oval era dominado por dois olhos enormes e cinzentos e que ela era muito jovem. Encarava-o com ar crítico e uma evidente expressão de censura.

— Posso perguntar se isto, por acaso, é uma visita? Ou tem alguma outra razão para se encontrar no castelo? — perguntou, assim que a moça se aproximou.

— Meu nome é Prunella Broughton, senhor. Meu pai, sir Roderick, que infelizmente morreu há um ano, era grande amigo de seu pai.

— Lembro-me de sir Roderick. E de uma menina bonita, que costumava acompanhá-lo, quando vinha nos visitar. Era, sem dúvida, a senhorita.

— Fico feliz por se lembrar de mim, pois tenho algo a lhe comunicar.

— Terei grande prazer em ouvi-la, Srta. Broughton. Como sabe, cheguei ontem à noite e estava travando conhecimento novamente com meus antepassados.

Indicou o retrato do segundo conde, e, apesar da sua decisão de se manter calma, Prunella não se conteve.

— Oh, por favor, se pretende vender algum desses quadros, não se desfaça deste. É o melhor de todos, e seu pai costumava contar que, quando Van Dyke terminou de pintá-lo, disse a seu ancestral: "Jamais pintarei um retrato melhor. Na verdade, deveria morrer neste momento!"

— Com que então, acha que pretendo vender o tesouro da família?

— Receei que isso lhe tivesse passado pela cabeça, senhor. Se me permitir, posso lhe mostrar uma lista de objetos do castelo que alcançariam um bom preço, mas cuja falta seria cruelmente sentida pelas gerações futuras, como, por exemplo, os quadros desta galeria.

— Não compreendo — disse o conde com secura. — Por que a senhorita haveria de se preocupar tanto com assuntos que só me dizem respeito?

— Foi isso o que vim explicar. . . senhor.

O conde olhou em sua volta, como se fosse sugerir que se acomodassem, mas as cadeiras da galeria estavam cobertas com panos, a fim de impedir que seus tecidos desbotassem.

Acho melhor irmos para a biblioteca — sugeriu Prunella. — Sempre a mantive aberta.

— A senhorita a manteve aberta?

Notou que ela corava, enquanto dizia:

— É outra coisa que quero lhe explicar.

— Pois saiba que ouvirei suas explicações com muito interesse.

Prunella achou que havia um toque de agressividade em sua voz, como se ele se ressentisse com a sua intromissão.

Caminharam em direção ao vestíbulo e viram surgir um homem, que ela imaginou ser um criado.

Ah! Aí está o senhor! — disse, com certa familiaridade. — Corno não há nada para comer em casa, estava pensando em ir até a aldeia comprar mantimentos.

— Está bem, pode ir.

— Acho que não há muito para comprar em Little Stodbury. — Prunella informou. — Mas se for à fazenda aqui ao lado, verá que a Sra. Gabriel tem um excelente presunto, que ela mesma preparou. Pode pedir também que lhe reserve uma perna de carneiro.

— Obrigado, minha senhora — disse o criado.

— Como a Sra. Carter já deve ter comunicado, lá na fazenda também fornecem ovos, leite e manteiga, mas receio que tenha que pagar por eles.

Olhou com certa ansiedade para o conde e disse:

— O acordo que fizeram com seu pai terminou após sua morte e, como eles vivem com certa dificuldade, não terão condições de lhe fornecer comida de graça.

— Nem eu pretendia isso — respondeu o conde, com frieza. — Pague tudo o que comprar, Jim.

— Muito bem, senhor.

Prunella não conseguiu deixar de pensar de onde viria o dinheiro. Parecia-lhe estranho que o criado saísse sem pedir nada ao patrão. Talvez estivesse usando o próprio dinheiro, até o conde conseguir vender alguma coisa do castelo e reembolsá-lo.

Mais uma vez, sentiu uma grande mágoa, ao pensar em se separar dos tesouros que admirava desde criança.

No início da guerra, o velho conde sentia-se muito solitário, pois estavam isolados. Os cavalos tinham sido requisitados pelo Exército e os jovens lutavam sob as ordens de Wellington, ou se divertiam naquele mundo de luxúria e aventuras criado pelo príncipe regente. Assim, encorajou Prunella a recorrer aos livros de sua biblioteca. Dizia que era bom para a sua educação. Mas, na realidade, gostava de conversar com ela, pois mais ninguém ia ao castelo, a não ser os criados.

Falava-lhe longamente a respeito do mobiliário e dos quadros, mas, como era obcecado pela família e por tudo o que ela significava, suas histórias quase sempre giravam em torno dos seus antepassados, que tinham sido soldados, estadistas, exploradores, jogadores e piratas.

Agora, pensava Prunella, mais um pirata tinha voltado para casa, para saquear o tesouro que fazia parte daquelas histórias e que, de certa forma, fazia parte dela mesma.

Chegaram à biblioteca e o conde lhe deu passagem.

Quando entraram, Prunella não pôde deixar de notar o mau estado em que o aposento se encontrava.

Nunca havia prestado atenção antes, mas agora percebia que, em algumas partes, o tapete estava todo puído e esgarçado. Os lençóis que cobriam a mobília tinham desbotado e as franjas das cortinas estavam tão estragadas, que não podiam mais ser costuradas.

Sentou-se em uma poltrona ao lado da lareira, enquanto ele permanecia de pé, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça, encarando-a.

— Bem, de que se trata?

Desde que havia chegado ao castelo, Prunella segurava um pequeno Caderno, que colocou no colo, antes de dizer:

Acho que seria um ato de delicadeza da minha parte dar-lhe as boas-vindas e declarar que, apesar do inesperado da sua volta, antes tarde do que nunca!

— Será que estou percebendo um tom de censura em sua voz, Srta. Broughton?

— Deve compreender senhor, que, desde a morte de seu pai, as coisas têm sido muito. . . Difíceis.

— Por quê?

Para início de conversa, ninguém tinha a menor idéia de onde o senhor se encontrava. Além disso, não havia quem pudesse tomar conta do castelo.

O que aconteceu com Andrews? Sempre me pareceu um homem perfeitamente capaz.

— Isto era verdade há quatorze anos, mas o Sr. Andrews está de cama há dezoito meses. Alguns anos antes, já não podia mais percorrer a propriedade, mesmo quando alguém o acompanhava.

O conde pareceu absorver a informação durante alguns instantes, antes de dizer, com um ligeiro sorriso:

— Com certeza, contrataram alguém para tomar o lugar dele?

— E como essa pessoa seria paga?

— Está insinuando que não há dinheiro?

— Para falar com toda a franqueza, senhor, a resposta é sim.

— Mas por quê? Sempre pensei que meu pai fosse um homem rico.

— E era, quando o senhor partiu do castelo. Acredito que talvez não tivesse tanto dinheiro quanto o senhor imaginava, ou então, que esse dinheiro foi mal investido. De qualquer modo, a fortuna de muita gente desapareceu durante a guerra e propriedades como as suas deixaram de ser lucrativas.

— Por quê? Por quê?

— Os arrendatários envelheceram e se tornaram incapazes de lavrar as terras. Não tinham condições de contratar gente em número suficiente, mesmo que tivessem meios para isso. A maior parte dos homens aptos estava no Exército ou na Marinha. Aos poucos, as coisas foram se deteriorando.

Tais notícias obviamente deixaram o conde bastante chocado. Prunella notou sua expressão e compreendeu que ele nunca podia esperar por aquilo.

— Estou disposto a acreditar no que me diz, mas quero saber como ficou a par dessa situação.

— Quando meu pai ainda vivia, costumava ajudar o seu... de um modo ou de outro.

— Está querendo dizer que seu pai emprestava dinheiro a meu pai?

Prunella fez que sim.

— Gostaria de ser informado da soma total e espero, é claro, reembolsá-la.

— Não há necessidade disso. Não foi um empréstimo, mas um presente.

— Para mim, é uma dívida!

Prunella não disse nada, e o conde, achando que talvez tivesse se mostrado rude, apressou-se em acrescentar:

— Mas é claro que lhe fico muito agradecido. Apenas me surpreende o fato de meu pai ter precisado desse tipo de ajuda.

— O que me preocupa é o que irá acontecer agora. . .

— O que quer dizer com isso?

— Alguns criados, se não forem pagos, morrerão de fome. . . estão muito velhos, aposentaram-se, não têm mais condição de trabalhar. . . e agora já não têm mais para onde ir.

— E quem os pagou durante todo esse tempo?

Fez-se o mais completo silêncio.

— Exijo saber a verdade, Srta. Broughton!

— Eu. . . Desde a morte de meu pai. Não pretendia me intrometer. . . Acontece que são pessoas que conheci durante toda a vida. Os que ainda podiam, trabalhavam no castelo, ganhando muito pouco, mas pelo menos, não passavam maiores necessidades. Mesmo assim, era preciso complementar seus salários. . . Bem como as rendas, que estão entrando com alguma regularidade. . .

Prunella olhou para o rosto do conde e recebeu o que viu, mas continuou:

Em alguns casos, tive que socorrer até mesmo os arrendatários das terras.

— Mas por que fez uma coisa dessas?

— O senhor não compreende. Desde que a guerra terminou, os fazendeiros e lavradores descobriram que os preços de seus produtos caíam desastrosamente. O pior é que, naquele ano, muitos dos bancos fecharam as portas e o povo perdeu as economias de toda uma existência. A situação se agravou quando milhares de homens foram dispensados do Exército e da Marinha, sem que lhes dessem pensões ou qualquer tipo de indenização por seus ferimentos. O custo de vida subiu e não há trabalho para todos. Tive que tomar conta das famílias de suas propriedades. . . Não havia mais ninguém que pudesse fazer isso.

— Aceite toda a minha gratidão, Srta. Broughton. Apenas fico surpreso com tamanha generosidade.

— Se está realmente grato. . . Então, quero lhe pedir que faça algo por mim.

— Com que então, é humana! — comentou o conde, com um sorriso irônico. — Já estava começando a pensar que era uma criatura carinhosa, agindo para a salvação de sua alma ou, pelo menos, da minha. . . Agora parece que tem alguma fragilidade humana. . . acabarei acreditando que é uma pessoa de carne e osso.

Prunella o encarou e disse, com certa frieza.

— Garanto que sou, senhor, e o favor que quero pedir. . . Representa um verdadeiro problema para mim.

— Estou ouvindo.

Agora, Prunella sentia que o conde zombava dela, embora não imaginasse por quê.

CAPITULO II

O conde acomodou-se em uma cadeira diante de Prunella.

Cruzou as pernas, ficou à vontade e encarou-a, com um leve sorriso nos lábios.

Como se sentia constrangida desde a sua chega ao castelo, não havia, até aquele momento, sustentado o olhar dele. Agora, notava que seus olhos eram muito penetrantes e que brilhavam através das pálpebras ligeiramente cerradas, como se encarasse a vida com cinismo.

Havia algo em sua atitude de que ela não gostava.

Não podia mesmo se sentir de outro jeito em relação a um homem que, depois de abandonar seu lar de modo tão repreensível, voltava para criticar tudo o que tinha sido feito durante a sua longa ausência.

— Estou esperando, Srta. Broughton. E como estou em dívida com a senhorita, pode acreditar que receberei com maior boa vontade tudo o que me pedir.

— O que lhe peço senhor, é que proíba seu sobrinho de cortejar minha irmã.

O conde levantou as sobrancelhas. Era evidente que não esperava por aquilo.

— Meu sobrinho?!

— Pascoe Lowes, o filho mais velho de sua irmã, lady Lowestoft.

— Acho que até já tinha me esquecido da existência dele. . . — disse o conde, sorrindo. — Como deve saber, desde que fui para o exterior, minha família não se comunicou mais comigo. Mas estou curioso: por que meu sobrinho não deve fazer a corte a sua irmã?

— Serei franca, senhor conde. Pascoe Lowes tem reputação, aliás plenamente justificada, de ser um caça-dotes.

Prunella falou com desprezo e, para sua grande surpresa, o conde riu.

— Pois esse relacionamento começou muito mal, Srta. Broughton. Na verdade, sinto pena dele.

— Não é preciso. Minha irmã tem apenas dezessete anos; é jovem e impressionável.

— Onde foi que ela conheceu meu sobrinho?

— Em Londres. Meu pai morreu há um ano e tiramos o luto em março. Tomei providências para que Nanette fosse apresentada à corte.

— Providenciou mesmo? Pelo que vejo, leva uma vida muito ocupada, Srta. Broughton. Não apenas cuida dos meus negócios, como também dos de sua irmã. Certamente é auxiliada por alguém?

— Desde a morte de meu pai, moramos sozinhas. Como temos uma vida muito calma, não precisamos de ninguém morando conosco.

— Uma vida muito calma? Isto me surpreende. Esta região era muito animada e havia grandes propriedades, cujos donos eram bastante hospitaleiros.

— Tenho certeza de que, agora que a guerra terminou, encontrará muitas pessoas dispostas a entretê-lo, senhor.

Afinal, ele é o conde de Winslow, pensou Prunella. E solteiro. Mesmo que não pudesse retribuir a hospitalidade dos vizinhos, estes deviam estar mortos de curiosidade e não perderiam a oportunidade de conhecê-lo.

— Quer dizer que posso ser festejado por todo mundo e a senhorita não teve a mesma sorte. . .

A observação perspicaz perturbou a moça. Fez uma pausa proposital, antes de dizer:

— Estive de luto durante um ano.

— E antes disso?

— Permita-me lembrar que minha vida não lhe diz respeito, senhor.

— Mas que coisa extraordinária! A senhorita fez de minha vida algo que lhe diz respeito. Assumi o comando de minha casa e, pelo visto, de minhas propriedades; no entanto, quando me interesse pela senhorita, fecha-se inteiramente.

Prunella teve a sensação de que ele insistia no assunto simplesmente porque percebia muito bem que ela não queria falar de si mesma.

— Quero conversar com o senhor a respeito de seu sobrinho.

— Compreendo. E eu tento obter um quadro do que está acontecendo, mas a senhorita, aliás, de forma incompreensível, se recusa a me ajudar.

— Estava pensando que, agora que o senhor está em casa, seu sobrinho, com toda a certeza, pedirá sua ajuda financeira.

— O que a leva a imaginar que ele fará uma coisa dessas?

— Imagino que ele seja seu herdeiro. Além disso. . .

— Sim?

Prunella calou-se e o conde disse:

— É um erro não terminar a frase e me deixar na ignorância do que está acontecendo.

— Muito bem. Soube ontem que, há uma semana, quando veio se hospedar aqui na região, o Sr. Lowes visitou os procuradores de seu pai, para saber se poderiam tomar a iniciativa de provar que o senhor estava morto. Em caso afirmativo, queria reclamar a posse do castelo e de tudo o que ele contém. Naturalmente compreende que queria vendê-lo. Não tinha a menor vontade de morar aqui, pois prefere Londres e, de qualquer modo, não teria meios para ficar. É claro que os preciosos quadros de Van Dyke seriam os primeiros a ser vendidos.

Falava apaixonadamente, e o conde interrompeu:

— Pelo que vejo, meus quadros lhe dizem muita coisa, Srta. Broughton! Mas lembre-se de que, afinal, não passam de quadros!

— Como pode dizer uma coisa dessas? Passaram de pai para filho durante duzentos anos! Muitos deles são seus antepassados, e Inigo Jones, o famoso arquiteto, projetou a galeria especialmente para os quadros!

— É muito bem informada, Srta. Broughton.

O conde estava sendo irônico, mas Prunella não se importou.

— Considero-os, como seu pai os considerava, uma dádiva sagrada que deve ser confiada a seus filhos e netos. Esses quadros não devem cair nas mãos de qualquer espertalhão, que quer dinheiro apenas para esbanjar nas mesas de jogo e com mulheres!

Estava realmente indignada e, mais uma vez, o conde riu.

— Muito bem, Srta. Broughton! Compreendo perfeitamente o que está dizendo. Já ouvi essa conversa milhares de vezes, a tal ponto que, não podendo mais suportá-la, parti da Inglaterra para nunca mais ouvi-la.

Prunella sentiu como se tivesse levado uma ducha fria e seu ânimo arrefeceu.

De que adiantava falar?

Tudo o que tinham dito contra ele no passado devia ser verdade. Não era melhor agora do que havia sido antes, quando abandonou a casa, levando a esposa de outro homem.

Prunella achou que o melhor que tinha a fazer era partir com dignidade e deixar o conde dirigir sua vida de acordo com seus princípios. Mas lembrou-se de todas as pessoas que dependiam dele.

Havia os velhos que moravam em duas cabanas, tão fracos que, no inverno, ela costumava levar-lhes comida, pois eram incapazes de andar e percorrer a curta distância que os separava do pequeno armazém da praça.

Havia também os lavradores que só conseguiam produzir o necessário para o próprio sustento e não tinham meios para consertar suas casas e, muito menos, os paióis, tulhas e estábulos arruinados.

Havia muitas pessoas mais. Até mesmo os criados já tinham passado há muito da idade de se aposentar, mas não existiam casas ou cabanas disponíveis, obrigando-os a continuar morando no castelo, fazendo o que podiam para mantê-lo em ordem.

Todos aqueles pensamentos lhe ocorreram ao mesmo tempo e percebeu que o conde a observava, com aquele sorriso irônico que Prunella começava a detestar.

— Vamos continuar. Estava me falando a respeito de meu sobrinho, tendo deixado bem claro que não o toleraria como cunhado.

— Farei o que estiver ao meu alcance para que isso nunca aconteça!

— Até mesmo, procurar a minha ajuda, apesar de saber que está (ratando com gente do mesmo sangue? Pelo que me disse, sua irmã é herdeira; nesse caso, presumo que a senhorita também seja.

— Não, senhor conde.

— Não?!

— Minha irmã recebeu uma grande fortuna de. .. — Hesitou alguns instantes e terminou: — ... De minha mãe.

— Acho que me lembro de sua mãe. Lembro-me, sim... Era uma criatura muito bonita. Sinto muito saber que morreu.

Prunella não disse nada, ficando apenas muito tensa, o que o conde não deixou de notar.

— Eu disse que sinto muito saber da morte de sua mãe!

— Eu o ouvi, senhor.

— Onde foi que ela faleceu

— Não tenho a menor idéia.

— Sabe que está me deixando curioso?

— Não quero falar neste assunto. Quero apenas discutir o que diz respeito a Nanette.

— Nanette pode esperar. Que mistério é esse sobre sua mãe?

Prunella levantou-se e foi até a janela. Agora que seu corpo se delineava contra a luz, o conde percebeu que era muito esbelta e graciosa. Aquele vestido cinza e triste escondia suas belas formas. . .

Após alguns instantes, como se tivesse tomado uma decisão, Prunella disse, ainda de costas para ele:

— Acho que, mais cedo ou mais tarde, alguém vai lhe contar o que aconteceu. Prefiro que fique sabendo de tudo agora.

Respirou fundo e confessou:

— Minha mãe fugiu de casa há seis anos!

— Parece que isso acontece muito por estas bandas. . .

— Não vejo nenhum motivo para ironias, senhor. E agora que lhe contei, peço que não volte mais a tocar no assunto. O nome de minha mãe nunca mais foi mencionado na casa de meu pai, a partir do momento em que ela nos abandonou.

Fez-se o mais profundo silêncio e Prunella voltou para a poltrona onde tinha estado sentada.

— É evidente que, como eu, sua mãe já não conseguia mais suportar certas coisas. Sentiu falta dela?

— Não sinto o menor desejo de falar a respeito de minha mãe, senhor.

— Mas eu estou interessado. Agora me lembro de como sua mãe era bela e, se não me engano, seu pai era muito mais velho do que ela. Era contemporâneo do meu pai, que se aproximava dos cinquenta quando eu nasci. Com que então, a linda lady Broughton seguiu o meu exemplo: deixou para trás uma existência enfadonha de respeitabilidade e sermões, trocando-a por aquilo que o povo o chama de "um pouquinho de pecado". Claro que o castigo para isso é o fogo eterno, mas garanto-lhe que é muito mais agradável do que a vida que ela deixou aqui.

— Não tenho por que ouvir suas opiniões, senhor.

— Mas vai ouvir, porque eu quero. Percebo claramente que a senhorita está condenando sua mãe ao castigo eterno, da mesma forma tomo me condena e a meu sobrinho. Gostaria de saber com que direito nos julga.

— Não estou julgando. Peço-lhe apenas que compreenda a posição em que se encontra, agora que voltou para casa. Procuro explicar por que, após a morte de seu pai, tentei salvar aqueles que sofriam, sem que tivessem culpa do que estava acontecendo.

— É muito louvável! — disse o conde, voltando à ironia.

— Sua vida particular não me diz respeito.

— Mas sente-se chocada diante daquilo que imagina que tenho feito; da mesma forma que ficou chocada com sua mãe.

— Claro que fiquei chocada. . . não só chocada, mas horrorizada e indignada! Como é possível uma mulher abandonar o marido.. . e os filhos? ' "

— Os filhos! Aí está a palavra chave! A senhorita ressentiu-se pelo fato de ela a ter abandonado!

Notou, durante breves segundos, que a dor se refletia no olhar de Prunella e disse, em outro tom:

Quando tiver a minha idade, senhorita, compreenderá que para toda atitude humana há circunstâncias atenuantes. Se tivermos um bom coração e mente aberta, poderemos entender melhor os outros.

Agora era a vez de Prunella ficar surpresa.

Talvez tenha razão. . . Talvez eu não tenha examinado melhor aquilo que me pareceu apenas um ato do mais puro egoísmo!

— Sua mãe partiu sozinha?

Mais uma vez, ela estremeceu. O conde sentiu que ficava profundamente abalada.

— N. . . Não!

— Então, imagino que estivesse amando. E o amor, querida Srta. Broughton, é irresistível, mesmo que mais tarde a gente se decepcione.

O modo como ele falava fez Prunella se lembrar de que tinha estado apaixonado pela mulher que levava quando partiu.

Contavam que ela era muito bonita e que, no começo, os dois se encontravam às escondidas. Finalmente, foram embora juntos, deixando todo mundo chocado e horrorizado com o seu comportamento escandaloso.

Não foi apenas o ódio pelo pai que fez com que Gerald abandonasse o castelo, jurando que nunca mais voltaria; ele ouvira o chamado irresistível do amor de uma mulher, talvez mais infeliz no ambiente em que vivia do que ele próprio.

Então, entendeu que tinha acontecido exatamente aquilo com sua mãe. Era muito mais jovem do que o marido; casara-se logo que havia terminado os estudos. O pai de Prunella a amava à sua maneira, mas ninguém seria capaz de imaginar o quanto se sentia frustrada e infeliz, até o dia em que conheceu. . .

Prunella proibiu-se de continuar pensando naquele assunto. Havia jurado nunca mais pensar no homem que sempre odiara por ter seduzido sua mãe, separando-a da família. Ele tinha sido tão encantador para com ela, que Prunella — na época, uma adolescente — chegou a se apaixonar.

Achava que ele era a imagem do perfeito cavalheiro. Admirava o modo como cavalgava e porque ele lhe fez os primeiros elogios que recebeu na vida, cuidava da aparência com o maior capricho, toda vez que ele ia visitá-los.

O fato de ele trair não apenas seu pai, mas também as suas ilusões românticas pareceu-lhe o ato mais baixo que um ser humano podia praticar.

Foi tão horrível e imperdoável, que Prunella passou a desprezá-lo e a desprezar também a mãe, e com tal violência, que chegava a ter vontade de matar os dois.

Mamãe foi a culpada! — disse, quando seu pai morreu.

Sabia, porém, que ele já estava doente muito antes da partida da esposa, se bem que, depois que fora abandonado, não tinha feito o menor esforço para se manter vivo.

Quando o pai se apegou a ela, Prunella teve perfeita consciência de que ele a tornava uma espécie de substituta da mulher que o traía.

Como queria apagar da mente o crime cometido pela mãe a dedicação que demonstrou pelo pai deixou todo mundo surpreso, inclusive os médicos.

No entanto, sabia que, no fundo de seu coração, havia não apenas amor por ele, mas ódio pela mãe, e esse duplo sentimento motivava todas as suas ações.

Agora, o conde, cuja vida tinha sido tão repreensível, pedia que ela perdoasse, ou, o que era ainda mais difícil, que compreendesse os motivos da mãe e também os dele.

Sentiu que ele havia criado a maior confusão em sua mente e que não conseguia mais pensar com clareza.

— Gostaria de conversar a respeito de seu sobrinho — disse, mudando de assunto.

— O senhor disse que ouviria com simpatia meu pedido e sinto-me profundamente perturbada pela corte que ele anda fazendo a Nanette.

— Estou disposto a falar de Pascoe, mas quero esclarecer um ponto: sua mãe deixou tudo o que tinha para sua irmã e nada para a senhorita. Por quê?

Não vejo por que isso pode ter alguma importância para o senhor. Na verdade, ela o dividiu igualmente entre nós, e entraríamos na posse da herança ao completarmos vinte e um anos.

— E quando a senhorita chegou a essa idade, deu sua parte a sua irmã.

— Sim.

— Mas ainda dispõe de dinheiro suficiente para gastar com minhas propriedades e meus criados?

— Disponho do necessário, senhor conde, mas Nanette tem apenas dezessete anos. Nessa idade, uma fortuna é não somente uma responsabilidade como também um perigo.

— Sim, quando um jovem como meu sobrinho se interessa por ela. . .

— Exatamente!

— Imagino que o dinheiro esteja sendo administrado por alguém.

— Sim, pelos advogados, que, aliás, também cuidam dos seus negócios. No momento em que Nanette se casar, é claro que o dinheiro será legalmente administrado pelo marido.

— E ela gostaria que esse homem fosse meu sobrinho?

— Já lhe disse que ela é muito jovem e muito inexperiente. Seu sobrinho é considerado um rapaz extremamente bonito e comportou-se de maneira extravagante, enviando de Londres uma carruagem com flores e cartas, fazendo-lhe elogios que, em minha opinião, são melosos demais para serem sinceros.

— E é claro que a senhorita é uma autoridade, quando se trata de ditar o comportamento que um homem apaixonado deve ter. . .

O conde voltava a zombar dela, e Prunella disse a si mesma que o odiava.

No entanto, estava em jogo algo muito mais importante do que os seus sentimentos por ele.

— Por favor, encare a situação com sensatez e ajude-me, se puder.

— Acho muito mais importante encará-la sob o ponto de vista de sua irmã. Sugiro, Srta. Broughton, que me conceda o privilégio de visitá-la em breve, não só para ser apresentado à sua irmã e discutir seus problemas com a senhorita, como também os meus.

Estendeu a mão e pediu:

— Não quer me entregar o caderno de anotações em que escreveu todos os dados relativos à minha propriedade? Quero lê-lo em meus momentos de folga e ver se consigo entender do que se trata, apesar de precisar de algumas explicações mais tarde.

Prunella levantou-se e caminhou até ele. O conde não se mexeu, limitando-se a receber o caderno. Verificou que ela havia anotado o nome de cada criado aposentado, seu

endereço, idade e qual a função que executava antes de parar de trabalhar. Achavam-se igualmente anotadas as quantias recebidas e as datas em que os pagamentos tinham sido efetuados.

- Receio que a soma seja alta, senhor. Foi por isto que elaborei uma lista dos objetos que poderão ser vendidos.

- E ainda assim, lamenta que eles tenham que deixar o castelo?

-Sim, é claro. Mas sei que o castelo precisa de várias reformas, e que isto custará muito caro.

- Mas o que vi até agora pareceu-me em condições surpreendentemente boas.

- Tivemos que consertar várias janelas, danificadas pelas tempestade, e um dos tetos do segundo andar que caiu no mês passado.

- Gostaria de ter a relação dos pagamentos que a senhorita fez.

- Claro, mas o mais importante é que as pensões continuem a ser pagas. A maior parte delas. . . Precisa ser efetuada na semana que vem. Se não conseguir o dinheiro tão rapidamente. . . . Eu o emprestarei.

O conde a encarou e ela não ousou olhar para a sua expressão.

— Pelo que vejo, Srta. Broughton, está plenamente convencida de que não consigo dirigir os meus negócios. Como me reprova abertamente, aliás, está escrito em seu rosto, não sei por que não me deixa ir para o inferno sozinho. . .

Mais uma vez, Prunella sentiu que zombava dela. Sem conseguir se controlar, respondeu:

— Não o estou impedindo de ir para o inferno, senhor, ou para onde quer que seja. Mas não suporto ficar parada, vendo que também arrasta consigo tantas pessoas inocentes!

O conde fechou o caderno com um gesto seco, levantando-se.

— Devo dizer que, quando voltei para casa ontem à noite, não esperava me encontrar em pleno dia do juízo final! É como se meu pai estivesse aqui, acusando-me novamente de não fazer nada direito.

— Não quero que se sinta assim, senhor. Receava, porém, que, no dia em que voltasse para casa, não entendesse os motivos que me levaram a agir de acordo com o que me parecia ser mais correio.

— Então, esperava que eu voltasse?

— Há cinco anos, seu pai ouviu dizer que o senhor eslava vivo e que tinha sido visto na Índia.

— E qual foi a reação dele?

— Acho, embora não tenha certeza, que ele ficou contente. Vivia muito solitário nos últimos anos da guerra, quando meu pai estava doente para visitá-lo. Ninguém aparecia no castelo.

— Está querendo dizer que até mesmo eu seria bem recebido. . .

— Acho que é verdade e penso que ele gostaria de se reconciliar com o senhor. Quando vinha visitá-lo, costumávamos percorrer o castelo e ele me falava de sua infância. Certa vez, checamos a ir até o quarto dos brinquedos, onde o senhor se divertia tanto quando criança. . .

— Acho que está contando tudo isto para me fazer sentir envergonhado e arrependido.

Prunella não disse nada e ele continuou:

— Talvez eu tivesse voltado antes para casa, se não fosse a guerra. Era impossível viajar, a menos que eu fosse soldado.

— Compreendo.

— Bem, não posso fazer nada a respeito, a não ser, examinar seu caderno. Obrigado por tudo o que fez.

— Não estou à procura de gratidão, senhor. Tudo o que fiz foi por seu pai e me deu grande prazer. Amo o castelo e todas as pessoas que vivem em sua propriedade. Conheço a maior parte delas desde a infância.

— Qual é sua idade? — perguntou inesperadamente.

— Vou fazer vinte e dois anos.

— No entanto, fala como se tivesse dedicado sua vida ao bem-estar dos outros. Por que não foi a Londres, como sua irmã? Por que não se casou?

— Simplesmente porque não surgiu a oportunidade.

— Será que devo acreditar?

— Mas é verdade. Verá que. . .

Interrompeu-se, dizendo a si mesma que ele não tinha nada a ver com o que ela fazia ou deixava de fazer.

— Acho que não está querendo me confessar que sua mãe provocou um grande escândalo e a senhorita sofreu por causa disso.

Era verdade, mas Prunella ficou ressentida com o fato de ele ter adivinhado.

— Tive que cuidar de meu pai nos últimos três anos. Ele estava muito doente.

— A senhorita não teria sido tão importante para ele, se sua mãe estivesse presente.

— Não estou preocupada comigo, senhor, mas com Nanette. Sinto grande dificuldade em interessá-lo por este assunto, que foi o que me levou a lhe pedir um favor. Peço-lhe que se concentre nele e em nada mais.

— Quando eu conhecer sua irmã, sem dúvida alguma, me envolverei com os problemas dela, goste ou não. No momento, Srta. Broughton, interesse-me pelos seus, que me parecem muito urgentes.

— Urgentes? Não entendo o que está dizendo.

— É óbvio que não. Precisamos encontrar um marido para a senhorita, antes que a sua filantropia adquira tamanha proporção que a leve a se interessar muito mais por sua alma do que por seu coração.

Três dias mais tarde, Charity, acordou Prunella com algumas notícias.

Apesar de um tanto sonolenta, a moça se esforçou para prestar atenção.

— A Sra. Goodwin contou que está havendo uma atividade louca no castelo. Os quadros estão sendo retirados das paredes e colocados no chão.

— Os quadros da galeria de retratos? Oh, Charity, é impossível!

— A Sra. Goodwin não soube dizer, mas devem ser esses: há mais quadros na galeria do que em qualquer outro lugar do castelo.

— Sim, eu sei, mas pedi ao conde que não os vendesse.

— A Sra. Goodwin também contou que o senhor conde mandou chamar algumas pessoas de Londres, que chegaram ontem para vê-lo. Parece que são comerciantes. . .

— Compradores de quadros! — murmurou Prunella, quase sem fôlego.

Na véspera, tinha esperado ansiosamente pela visita de sir Gerald, mas ele não deu o menor sinal de vida. Agora, sabia por quê.

Apesar de tudo o que lhe dissera, apesar de lhe deixar uma lista dos objetos que poderiam ser vendidos sem grande prejuízo, ele estava se desfazendo dos preciosos quadros de Van Dyke!

Claro que alcançariam mais dinheiro do que o resto, mas como podia ser tão insensível a ponto de se desfazer deles, depois de tudo que tinham conversado?

Preocupava-se também com os criados aposentados e os arrendatários das terras.

E se ele insistisse em receber dinheiro dos Jackson? Eles não teriam como pagar e precisariam sair das terras do castelo. A Sra. Jackson havia passado o inverno muito doente, e a saúde de dois dos seus filhos era bastante precária.

Nos últimos dias, Prunella se perguntou dezenas de vezes por que o conde ainda não tinha ido vê-la. Na véspera, conteve-se a custo para não tomar a carruagem e ir até o castelo, saber o que estava acontecendo.

— Tenho certeza de que Pascoe vai querer visitar o tio — Nanette tinha dito.

— Como ele pode saber que o tio chegou?

— Eu lhe escrevi, contando.

— Bem, se o Sr. Lowes alimenta alguma esperança em relação ao conde, ficará bastante decepcionado.

— Você só pensa em dinheiro, Prunella. O pobre Pascoe não tem culpa alguma se o pai empobreceu exatamente como os Winslow.

— Acredito que a culpa não seja dele, mas nem por isso precisa ser tão extravagante. Diga-lhe, Nanette, que não tem necessidade de enviar flores de Londres.

— Claro que não farei uma coisa dessas. Acho sua atitude muito gentil e, principalmente, muito romântica.

A garota suspirou.

— Oh, Prunella, acho tão aborrecido ficar por aqui sem ter nada o que fazer, a não ser esperar as cartas de Pascoe... Você não quer escrever para a minha madrinha, pedindo-lhe que me hospede durante alguns dias?

— Acho que seria inútil. Além do que, você só quer ir a Londres para ver o Sr. Lowes. Sua madrinha já me comunicou que reprova o modo como ele a persegue e deixou bem claro, Nanette, como aliás eu também, que ele está atrás de sua fortuna e não, de você.

— Não é verdade. Acredito em Pascoe, quando diz que me amaria mesmo que eu não tivesse um vintém!

— Talvez ele a ame; mas, se isso fosse verdade, não se casaria com você.

— Como é que sabe? Como pode ser tão cruel em relação a ele?

Havia lágrimas nos olhos de Nanette. Correu para a porta e disse, antes de se retirar:

— O problema, Prunella, é que nunca um homem olhou para você.

Assim, não conhece nada sobre o amor. Você vai morrer solteirona e se arrependerá muito por ter perdido a sua vida.

Prunella sentiu-se infeliz. Achou que tinha cometido um erro ao dizer tudo aquilo e desejou ter sido mais prudente. No entanto, era-lhe muito difícil deixar de exprimir seus sentimentos.

Nanette passava os dias aborrecida e infeliz, exceto quando recebia cartas de Londres. Como não havia distrações na região, Prunella se perguntava constantemente o que devia fazer para desviar a atenção e o afeto da irmã.

Lembrava-se de ter lido que o único remédio para um amor era outro amor, mas como encontraria um jovem que interessasse a Nanette, quando viviam isoladas em casa?

Os convites mais excitantes que recebiam eram para tomar chá na casa paroquial ou participar dos bazares de Natal. . .

O conde tinha razão ao imaginar que, devido ao escândalo provocado pela mãe delas, as moças tinham que arcar com as conseqüências.

Só naquele ano Nanette tinha começado a se dar conta do isolamento em que viviam.

Enquanto ainda estudava, tinha uma governanta e professores que vinham das cidades mais próximas. Sir Roderick acreditava que as filhas deviam receber uma educação esmerada e estava disposto a pagar por ela. Depois da morte do pai, sabendo que os anos de luto seriam um período melancólico, Prunella enviou a irmã para uma escola elegante em Cheltenham.

Só após voltar de Londres, Nanette teve que encarar a monotonia do cotidiano, e o fato de não verem quase ninguém revelou-se intolerável.

Prunella já tinha se acostumado com isso, apesar de algumas vezes sentir falta da voz do pai chamando-a e do vai-e-vem dos médicos que o atendiam.

Agora, entretanto, todos os dias eram iguais. A única mudança foi a chegada do conde ao castelo.

Ele não tinha aparecido na véspera, e Prunella achou que, estando tão ocupado em vender os quadros e, sem dúvida, os tapetes e pratarias, não lhe sobraria tempo para cumprir seus compromissos sociais.

Desceu para o primeiro andar e foi ao encontro da irmã, que tomava o café da manhã.

Nanette olhou para ela, com certa insegurança. Mas foi só por um momento. Como tinha uma natureza terna e impulsiva, veio correndo até Prunella e jogou-se em seus braços.

— Perdoe-me! Perdoe-me, querida! Sinto muito ter me comportado daquele modo ontem à noite!

— Não há o que perdoar, meu bem. Nós sempre nos entendemos às mil maravilhas...

— Sim, até agora. . . Prunella, você precisa tentar me ajudar. Não consigo deixar de amar Pascoe, e cada dia que passo longe dele parece durar um século.

— É por que você não tem muito o que fazer. Estava pensando em escrever para uma das nossas primas que moram em Bath. Talvez você achasse divertido passar alguns dias lá. Parece que têm um excelente teatro!

— Quero ir para Londres! — disse Nanette, com petulância.

— Não posso pedir à sua madrinha para recebê-la de volta tão cedo. Com certeza, deve ter feito outras amizades quando esteve por lá?

Estava decidida a não permitir que Nanette fosse para Londres, pois sabia que ela faria o possível e o impossível para ver Pascoe Lowes. Achou, no entanto, que seria mais diplomático fingir que concordava e, enquanto isso, ganhar tempo.

— Não consigo pensar em ninguém... — respondeu Nanette. — Quase todos os amigos da madrinha eram muito sofisticados e não se importavam com uma simples debutante. Ou então, tinham namoradas, que me encaravam como uma rival em potencial.

Viu que a irmã ficou surpresa e riu.

— Não seja tola, Prunella! Sou linda. . . Pelo menos é o que Pascoe acha. . . e rica! As outras garotas tinham muito pouca chance, quando eu estava por perto.

— E os dois cavalheiros a quem você foi apresentada? Sua madrinha disse que eles teriam se declarado, se os encorajasse.

— Você devia vê-los! Um deles era barão, velho e um tanto gordo. O outro era marquês, mas as garotas caçoavam cruelmente dele, quando não estava presente, pois não passa de um tolo. Como é que eu poderia ter um marido igual a eles?

— Sim, tem razão.

— Quando eu me casar, quero estar apaixonada. E estou apaixonada agora!

A conversa sempre volta ao mesmo ponto, pensou Prunella, enquanto se servia de bacon e ovos.

Estava resolvida a não atacar mais Nanette como havia feito na véspera e limitou-se a ouvir a irmã elogiando a aparência, a inteligência e o encanto de Pascoe Lowes, imaginando que providências poderia tomar.

Quando terminaram o café, Prunella sugeriu:

— Estava pensando em darmos um passeio a cavalo. Notei que você não exercitou seu animal ontem, e é mau para ele não ser levado a andar regularmente.

— Está bem, vamos! — concordou Nanette, sem grande entusiasmo. — Podemos ir até o parque?

Referia-se, é claro, ao parque que pertencia ao castelo de Winslow, onde costumavam cavalgar. Em primeiro lugar, era muito maior do que o parque de sua casa e, depois, era o lugar perfeito para um bom galope, por ser cortado de ponta a ponta por uma estrada.

O avô do atual conde costumava treinar seus cavalos de corrida ali, e Prunella acabou se decidindo.

— Sim, vamos dar um bom galope.

Já que o conde estava ocupado em vender seus bens, não ficaria sabendo o que estava acontecendo do outro lado de sua vasta propriedade, além do que, certamente, não estaria interessado.

Era tão doloroso pensar no que ele estava fazendo, que Prunella preferiu fazer qualquer coisa a ficar sentada em casa, como na véspera, esperando por ele, apenas para se dar conta de que havia esperado em vão.

Meia hora mais tarde, vestidas com seus trajes de montaria, as duas partiram em seus cavalos favoritos.

— Pascoe disse que eu devia comprar alguns cavalos de corrida — comentou Nanette, casualmente. — Acho que Centelha está ficando velho demais e já não me serve.

Prunella sabia que aquilo era mais uma desculpa da irmã para ir a Londres, mas não disse nada.

Centelha era um cavalo excelente sob todos os aspectos e custara uma pequena fortuna, há dezoito meses.

— Pascoe entende muito de cavalos e monta melhor do que qualquer pessoa que conheço.

— Andou a cavalo com ele enquanto estava em Londres? Espero que alguém os tenha acompanhado.

— Demos um passeio em uma carruagem aberta, na qual havia lugar apenas para duas pessoas. Não imagino minha madrinha sentada no banquinho de trás, tomando conta de nós! Fomos até Hyde Park. A carruagem de Pascoe era a mais elegante de todas e percebi que várias garotas me invejaram.

Prunella limitava-se a ouvir e ficou aliviada quando chegaram ao parque do castelo de Winslow.

Chegaram no início da estrada e não houve necessidade sequer de tocar os cavalos com o chicote, pois os animais sabiam o que se esperava deles.

Foi uma corrida excitante, e Prunella sentiu que sua apreensão desaparecia como por encanto.

Percebeu que Nanette tentava ganhar dela e chicoteou levemente seu cavalo, mas acabaram chegando emparelhadas.

Pararam os animais, rindo muito animadas, e, nesse momento, um cavaleiro surgiu por entre as árvores e aproximou-se delas.

Era o conde, Prunella achou que ele montava maravilhosamente.

Notou que cavalgava um garanhão negro que nunca tinha visto antes, e que certamente não devia pertencer à cocheira do castelo.

CAPÍTULO III

O conde se aproximou e tirou o chapéu.

— Bom dia, Srta. Broughton. — E, em seguida, olhou para Nanette.

Antes que Prunella pudesse fazer as apresentações, a irmã disse:

— O senhor deve ser o novo conde! Queria tanto conhecê-lo!

— Sinto-me lisonjeado! Ouvi falar muito a seu respeito, Srta. Nanette!

— Garanto que só lhe contaram coisas pouco agradáveis!

O conde riu.

— O senhor não se incomoda de galoparmos no parque, não é? — perguntou Prunella.

— Na verdade — a irmã interrompeu —, achamos que o senhor estaria ocupado demais para saber que nos encontrávamos aqui.

— Costumava galopar quando menino e acho que faria muito bem a César exercitar-se um pouco.

— É o cavalo mais bonito que já vi! — disse Nanette, entusiasmada.

— Foi o que achei também, na primeira vez em que o vi.

Não conseguindo conter a curiosidade, Prunella perguntou:

— Onde foi que o encontrou? Não posso acreditar que o tenha trazido da Índia!

— Encontrei-o graças a Jim. Quando chegamos ao porto de Southampton, ele ouviu dizer que havia uma feira de cavalos na vizinhança e insistiu em ir até lá, procurar uma montaria que nos trouxesse para o castelo mais rápido do que uma carruagem.

— E encontrou César — observou Prunella.

Achou estranho que um mero criado soubesse como escolher um cavalo, especialmente, um animal soberbo como aquele.

— Jim é um grande conhecedor de cavalos e está ansioso para encher as cocheiras, que no momento se encontram lamentavelmente vazias.

Com grande dificuldade, Prunella refreou as palavras que lhe vinham aos lábios.

Compreendia perfeitamente o que estava acontecendo. O conde tinha vendido alguns quadros e, em vez de gastar o dinheiro nas reformas necessárias ao castelo, com as plantações e com os criados aposentados, preferia esbanjá-lo com cavalos e, sem sombra de dúvida, com mulheres.

Pensou em todas as histórias que ouvira sobre cavalos e carruagens que os homens da aristocracia comprovam por fortunas, para dá-los de presente às mulheres de pouca virtude por quem se sentiam atraídos.

Achava chocante que mulheres desse tipo merecessem tantos gastos, quando havia crianças morrendo de fome nos cortiços e homens esmolando na estrada; sobretudo, os que tinham servido seu país durante a guerra.

O conde, sentindo que ela o reprovava, encarou-a e disse:

— Pelo visto, não aprova muito a idéia, Srta. Broughton.

— Suas idéias sobre cavalos não me dizem respeito.

— Pois acho a idéia maravilhosa e não vejo por que Prunella haveria de censurá-la. Afinal, ela adora cavalos — observou Nanette.

— Sim, basta ver os belos cavalos que estão montando.

— Estava justamente dizendo a Prunella que gostaria de comprar um novo. Centelha é lento demais e não tem metade da esperteza de César.

— Receio que achará César rebelde demais, mas é claro que, quando houver mais cavalos em minhas cocheiras, terei imenso prazer em que os cavalgue, Srta. Nanette.

— Obrigada, obrigada! Por favor, apresse-se e compre muitos cavalos, para que eu possa abusar de sua bondade.

— Pois terá que ir conversar com Jim e espero também que me visite.

— Deve saber que não desejo outra coisa. Tenho grande curiosidade pelo senhor; Prunella e eu ficamos muito desapontados por não ter nos visitado ontem.

— Estavam à minha espera?

Olhava para Prunella, mas ela desviou o rosto.

— Prunella achou que o senhor talvez quisesse vê-la e discutir uma série de assuntos relativos à sua propriedade. Afinal de contas, ela tem se preocupado com a propriedade desde que seu pai morreu. Gasta todo o seu dinheiro consertando sua casa e alimentando seus criados aposentados. O senhor devia ser-lhe muito grato. . .

A moça ficou tensa e muito constrangida com o que a irmã dizia. Ao mesmo tempo, não sabia como impedi-la de continuar.

Enquanto Nanette falava, fez o cavalo marchar e agora a irmã e o conde cavalgavam a seu lado.

— Claro que me sinto muito agradecido. Foi uma indelicadeza não visitá-las ontem, como pretendia. Infelizmente, chegaram algumas pessoas de Londres para me ver.

— Compradores de quadros... de pratarias. . . agiotas... — murmurou Prunella.

Nanette prosseguiu:

— Deve achar fascinante voltar depois de tantos e tantos anos. Garanto que encontrou tudo exatamente como deixou.

— Bem, em termos... As árvores do jardim cresceram bastante e os pessegueiros e parreiras estão um exagero. . .

Indignada, Prunella puxou as rédeas e o cavalo corcoveou. Como é que ele ousava dizer uma coisa daquelas? Como se atrevia a fazer queixas? Se ela não pagasse ao pobre Ives, ele e a família morreriam de fome, e quanto aos pessegueiros e parreiras. . .

Controlou-se para não dizer ao conde o que pensava a seu respeito.

— Quero me desculpar por minha grosseria. Para isso, pensava em convidá-las para jantar comigo amanhã.

— Gostaríamos muito, não é mesmo, Prunella?

— Não sei. . . Se será possível. . .

— Mas é claro que podemos ir! Você sabe muito bem que não temos outros compromissos, e há anos que não janto no castelo. Seria muito divertido voltar lá.

Lançou um olhar lânguido para o conde. Aprendera em Londres que aquela manobra era muito eficiente, em se tratando de homens mais velhos. . .

— Pois ficarei aguardando com ansiedade o momento de recebê-las, Srta. Nanette. Nossas famílias se conhecem há muito tempo e, a menos que me engane, fomos

apresentados quando a senhorita ainda estava no berço, o que me dá o direito de chamá-la pelo primeiro nome.

— Mas é claro! Gostaria de lhe dizer que o senhor é muito, mas muito mais agradável do que eu imaginava.

— Obrigado. — O conde sorriu.

Prunella, não agüentando ouvir por muito mais tempo aquele troca de delicadezas, chicoteou o cavalo. Aproveitando-se de que a irmã se afastava, Nanette virou-se para o conde.

— Preciso lhe falar — disse, em voz baixa,

— Sobre o meu sobrinho?

— Sim. Como adivinhou? Imagino que tenha sido Prunella. Com certeza, preveniu-o contra Pascoe, o que foi muito traiçoeiro da parte dela.

— Antes que se revolte contra sua irmã, permita-me dizer que sempre confio em meu julgamento, no que diz respeito às pessoas.

— Sei que gostará de Pascoe.

Sorriu, e o conde achou que Prunella tinha razão, ao dizer o quanto ela era bela.

Tinha cabelos alourados, olhos azuis, pele muito alva e era exatamente o tipo da garota inglesa com que todo jovem sonhava, quando se encontrava no exterior, longe do lar.

Nanette não queria que a irmã soubesse que havia falado ao conde a respeito de Pascoe e procurou emparelhar seu cavalo com o dela. O conde tomou outro caminho e cavalgou em direção ao castelo.

— Será incrível jantar com ele!, — disse a garota. — Não consigo entender por que você se mostrou tão reservada.

— Ao nos oferecer esse jantar, o conde estará fazendo despesas que não pode ter.

— Pelo amor de Deus, Prunella! Não pode censurá-lo por procurar se divertir um pouco, depois de tão longa ausência. De qualquer modo, pretendo vê-lo novamente e conversar com ele.

— A respeito do sobrinho?

— Por que não? Se ele estiver numa situação tão difícil como a de Pascoe, talvez se mostre simpático e muito grato em relação a nós duas.

— Você não devia falar assim.

— Por que não? O conde devia ficar de joelhos, agradecendo tudo o que você fez pelo castelo de Winslow, e quero que Pascoe seja agradecido a mim. Ele poderá gastar até meu último centavo, que não me importo.

— Nanette, não fale desse jeito! Qualquer homem com um mínimo de orgulho se envergonharia de viver com o dinheiro da esposa.

— Papai nunca se queixou por mamãe ser rica.

— Papai tinha uma grande fortuna pessoal.

— Mas não, o suficiente para você gastar aquilo que quer com o castelo de Winslow. Espero que tenha contado ao conde que teve que fazer grandes reformas na cozinha e consertar o salão, que foi danificado por uma inundação.

— Prefiro não falar no assunto.

— Já que prefere gastar seu dinheiro de maneira tão aborrecida, quem o impedirá? Digo-lhe apenas uma coisa, Prunella: tem que se vestir com elegância, se formos jantar com o conde.

— Meus vestidos são bastante bons para isso.

— Você deve estar louca! Desde que cheguei de Londres tenho notado como seus vestidos estão fora de moda, mas não disse nada antes, com medo de magoá-la.

Prunella olhou espantada para a irmã, mas sabia que era verdade.

Pouco se importara com sua aparência, desde a doença do pai. Quando ele morreu, comprou vestidos negros e severos. Decorridos seis meses, aliviou o luto e comprou dois vestidos cinza e um cor de malva. Eram os mais elegantes da loja, mas certamente, em nada se pareciam com a requintadíssima coleção que Nanette trouxera de Londres. Prunella nunca tinha visto roupas tão bonitas.

— Talvez a minha aparência seja mesmo um pouco provinciana — reconheceu. — Quando tiver tempo, preciso fazer algumas compras, e você poderá me ajudar a escolher alguns vestidos que estejam no rigor da moda. Para amanhã à noite, não tenho outra escolha, a não ser um traje preto ou cinza.

— Pois saiba que me recuso a ir com você! Pelo que ouvi dizer, o conde aprecia as mulheres bonitas. E gosto daquele seu ar um tanto debochado. . . Posso até vê-lo num traje de pirata. . .

— Estou longe de pensar numa coisa dessas!

— De qualquer modo, ele é homem e, apesar de não se lembrar, Prunella, você é uma mulher!

— Podemos resolver o problema facilmente. Simplesmente, não iremos jantar no castelo e mandarei um bilhete hoje à tarde comunicando a nossa decisão.

— Se fizer isso, irei sozinha. Quero jantar com o conde, e você não pode ser tão tola, a ponto de pensar em me impedir.

Prunella não fez nenhum comentário.

— Sei exatamente por que você está sendo tão desagradável para com ele. É porque fugiu com aquela mulher, cujo nome ninguém mais lembra e você ainda o censura.

— Surpreende-me que você saiba essas coisas!

— Se sei? Pois todo mundo murmura a respeito das aventuras do Sr. Gerald, desde que aprendi a falar! Não existiu apenas uma mulher na vida dele, mas dezenas! Acho que, em vez de me contarem contos de fada quando eu era criança, falaram das proezas do jovem herdeiro do castelo. Para falar francamente, até conhecer Pascoe, achei que Gerald era o príncipe encantado dos meus sonhos.

— Nanette, tenho certeza de que não é verdade!

— É, sim! Ambas usaremos os melhores vestidos e estaremos extremamente elegantes. Como temos quase o mesmo corpo, você pode usar um dos meus vestidos, até conseguir renovar o seu guarda-roupa, ouviu?

— Foi você quem debutou na sociedade, não, eu. . . — disse Prunella, rindo.

— No momento, você me faz sentir como uma velha dama de companhia tentando apresentar uma moça do interior à alta sociedade! — caçoou Nanette. — Tomara que dê certo!

— Mas que audácia... — começou a dizer Prunella. Nanette, rindo de sua ousadia, afastou-se correndo.

Prunella ficou sem saber o que fazer.

Durante a tarde, Nanette ficou ocupada, escrevendo uma carta que Prunella imaginava ser para Pascoe. Não tinha a menor idéia de como impediria a irmã de enviá-la. Decidiu visitar uma velha senhora que tinha sido ama do conde, quando ele era criança.

Queria explicar-lhe que a babá era uma das pessoas a quem ele devia procurar, não só porque era muito velha, mas também porque vivia rezando para que ele voltasse para o castelo.

Pretendia informar isso ao conde, se ele as tivesse visitado na véspera.

Como não conversavam desde a sua primeira visita ao castelo, decidiu procurar a velha babá, para saber se precisava de alguma coisa. Se ela ficasse sabendo que o conde estava de volta, ficaria ansiosa para ver o "seu menino", como costumava chamá-lo.

Levou mais tempo do que o necessário para chegar à casinha da babá, situada do outro lado da propriedade do conde, pois ordenou ao cocheiro que evitasse cortar caminho através do parque. Ela e Nanette já haviam entrado na propriedade naquele dia e não queria, de modo algum, que o conde pensasse que elas tiravam vantagem.

Os cavalos percorreram as empoeiradas estradas da região, até a aldeiazinha onde morava a babá.

Havia apenas umas doze casas, ocupadas por empregados do castelo, uma estalagem, uma igreja e uma lojinha.

Em torno da aldeia, em casas maiores, moravam os que estavam um pouco melhor de vida. Nas vizinhanças ficava a imponente residência da família Winslow, agora fechada e em estado lamentável.

Como as duas últimas condessas haviam falecido antes de seus maridos, a casa pouco tinha sido usada. Prunella achava uma pena que não fosse reformada, redecorada e alugada para pessoas de bom gosto, que poderiam cuidar dela.

Era o tipo de idéia que não interessaria ao conde, mesmo que tivesse dinheiro. Se tinha vendido os quadros de Van Dyke, provavelmente iria para Londres e, lá, como o sobrinho, acabaria por se tornar um caça-dotes.

Prunella tinha certeza de que muitas mulheres estariam dispostas a dar o que tinham para poder usar a coroa de condessa na abertura do Parlamento. Quando isso acontecesse, o conde teria muito dinheiro para gastar na restauração do castelo, mas seria tarde demais para salvar os quadros de Van Dyke.

De tanto pensar nele, esqueceu de onde se encontrava e verificou, com grande surpresa, que o cocheiro havia parado a carruagem diante da casinha da babá.

Era um pouco retirada da aldeia e tinha sido escolhida para a babá pelo último conde, na época em que ela se aposentou. A construção era de boa qualidade, e havia um jardim maior do que as casas dos outros empregados aposentados.

A velha ficou muito orgulhosa de seu novo lar, apesar de sentir falta do castelo. Quando Prunella foi visitá-la pela primeira vez, achou tudo impecavelmente limpo. A babá, apesar de ficar sozinha a maior parte do tempo, parecia muito contente.

Com a idade, ficou impossibilitada de andar mesmo até a loja, que era tão perto de sua casa. A velha senhora vivia quase que inteiramente mergulhada no passado, sempre repetindo: "o Sr. Gerald fez isso" e "o Sr. Gerald fez aquilo..."

Contava dezenas de histórias sobre o "seu menino", desde que nasceu até o dia em que, com lágrimas nos olhos, ela o levou para a escola.

A babá descobriu que, depois de ter sido atendida e bem cuidada durante quase toda a vida, era difícil se acostumar a ter que cuidar da casa e cozinhar a própria comida.

Prunella ia quase diariamente à casa dela no último inverno, pois sabia que ela não podia preparar suas refeições e, muito menos, sair para fazer compras.

Desceu da carruagem e atravessou o pequeno jardim, notando que, apesar das flores, havia também mato e ervas daninhas.

Bateu, mas não esperou resposta para entrar. Sabia que seria difícil para a babá levantar-se da cadeira.

— É a Srta. Prunella? — perguntou a velha, com voz trêmula.

— Sim, babá. Como tem passado?

Prunella colocou a cesta que carregava sobre a mesa da cozinha. Continha uma torta, um pudim, um pão fresquinho, um pacote de manteiga e um vidro de geléia feita em casa.

— É verdade que o senhor conde voltou para casa?

— Sim, babá, e tenho certeza de que ele virá visitá-la.

— Meu menino! Meu menino está novamente em casa, depois de tantos anos!

Era muito velha e frágil e sua visão estava fraca mas, no momento, sua voz demonstrava uma excitação juvenil que Prunella não ouvia há anos.

— Contará para ele que ainda estou aqui, Srta. Prunella? Não o deixará pensar que morri?

— Não, claro que não, babá.

— É preciso que ele venha logo. . . Ontem sonhei que ia embora deste mundo e acho que foi um aviso. Sei que não estarei mais viva no próximo inverno.

— Vamos, babá, não diga uma coisa dessas. Sabe muito bem que todos sentiremos a sua falta.

— Não me importo de morrer, se puder ver novamente meu menino. Foi a esperança de estar novamente com ele que me manteve viva durante todos estes anos.

— O conde não há de querer que você morra logo agora que voltou para casa, não é mesmo?

— Ele se casou?

— Não.

— Não me surpreendo. Nunca achei que fosse se casar com aquela senhora com quem fugiu.

— Parece que ela morreu.

— Pois, se quer saber, acho muito bom. Ela não tinha o direito de abandonar o marido e fugir com um rapaz que não tinha idade suficiente para saber o que estava fazendo.

— Sempre pensei que ele tivesse plena consciência de seus atos. Afinal de contas, ninguém o obrigou a fugir.

— Pode ser, Srta. Prunella, mas o senhor conde tinha lá sua culpa, pois vivia censurando o Sr. Gerald. Se a condessa fosse viva, ela o teria compreendido. Muitas vezes, eu mesma lhe disse: "Não se importe com o que seu pai diz". Ele, porém, nunca foi de abaixar a cabeça para ninguém.

Prunella reconheceu que aquilo era verdade.

A babá começou a falar dos velhos tempos, e a moça ficou pensando no conde e na mulher que havia fugido com ele. Imaginou como teria sido sua vida, quando ele morava no outro lado do mundo.

Subitamente a porta se abriu e ela levou um susto, pois não tinha ouvido o barulho de uma carruagem. O grito de felicidade da babá fez com que compreendesse quem acabava de entrar.

— Sr. Gerald! Meu menino! É o senhor mesmo?

— Sim, cá estou, babá!

Parecia ainda mais alto naquela cozinha minúscula. Aproximando-se, beijou a velha no rosto.

— Sabia que viria! Senti que o senhor ainda estava vivo, mesmo quando diziam o contrário. Acabei de dizer à Srta. Prunella que não me importaria de morrer, depois de vê-lo mais uma vez.

— Que conversa é essa de morte, babá? Pois eu mal acabo de chegar. . . Quero conversar com você. Preciso do seu conselho.

— Precisa de mim, Sr. Gerald? Acho que deveria dizer senhor conde, agora que seu pai morreu. Paz à sua santa alma. . .

— Serei o Sr. Gerald, como sempre fui — disse ele, sorrindo.

— E é claro que quero o seu conselho. Imagino que a Srta. Prunella já lhe contou como sou ignorante do que tem acontecido por aqui.

Lançou um olhar para Prunella. Ela achou que estava querendo provocá-la e se levantou.

— Agora que o conde chegou, babá, eu me despeço.

— Não, fique onde está Srta. Prunella. Quero conversar com o Sr. Gerald a seu respeito e contar tudo o que tem feito por nós, pois não havia mais ninguém para cuidar dos empregados, depois que o patrão morreu. Muitos de nós já estaríamos no cemitério, se não fosse pela senhorita.

— Oh, por favor, não diga uma coisa dessas.

— Mas elas precisam ser ditas. A senhorita tem sido um verdadeiro anjo, trazendo comida para os velhos durante o inverno, e pagando o médico que, caso contrário, se recusaria a nos atender. Tome nota do que estou dizendo: um dia, a senhorita será recompensada.

— Acho que esse dia está muito longe. . . Bem, babá, agora preciso ir. Dawson não gosta que os cavalos fiquem esperando muito tempo.

— Nunca vi desculpa tão esfarrapada! — disse o conde. — Gostaria de trocar uma palavrinha com a senhorita, e os cavalos podem esperar um pouco mais.

Prunella gostaria de responder que não eram os cavalos que estavam impacientes, mas ela mesma. Achou, porém, que seria desagradável discutir diante da babá. Em vez de voltar a se sentar, foi até a pequena janela e espiou a estrada.

O conde estava sentado perto da velha, e Prunella o ouviu dizer:

— Quero que me diga, babá, se a sua casa precisa de algum conserto. As que visitei até agora, pelo visto, precisam de muitos reparos.

— Está tudo bem, Sr. Gerald, pois a Srta. Prunella tem cuidado de tudo. Há uma goteira no quarto de cima, mas ele está vazio, de forma que isso não importa muito.

— Mesmo assim, é preciso tomar providências.

Tirou uma caderneta do bolso da casaca e fez algumas anotações, dizendo em seguida:

— Trouxe-lhe sua pensão, que será dobrada no futuro. Nesta semana, há um pouco mais de dinheiro do que de costume.

— É muita bondade sua, Sr. Gerald. Sempre foi muito generoso. É igual à sua querida mãe, que, como lhe disse muitas vezes, tinha a bolsa aberta para todo mundo e um coração imenso.

— E é isso o que conta, não é mesmo, babá? Foi você que me ensinou que dar um pequeno presente com amor é muito mais importante do que dar um grande presente com má vontade.

Mesmo sem se voltar, Prunella percebeu que ele olhava em sua direção. Sabia que o que dizia era dirigido a ela.

Pois eu dei de coração, teve vontade de dizer. Amava as pessoas a quem havia ajudado, mas odiava-o por sua indiferença e por ele ter se descuidado de todos, ficando no exterior, quando seu lugar era ali, no castelo.

Levantou a cabeça, num gesto altivo, ao ouvi-lo despedir-se afetuosamente da babá. Sabia que estava representando para impressioná-la. Estava querendo mostrar que era bondoso e compreensivo. . .

Por mais dinheiro que desse à velha, aquilo tinha como única finalidade acalmar a sua consciência. Para agir assim, tinha vendido tesouros que deviam ser preservados em benefício das gerações que o sucederiam.

— Voltarei em breve, babá. Se precisar de alguma coisa, mande alguém ao castelo me avisar.

— Sinto-me feliz pela sua volta. É tão bom saber que o senhor se encontra no lugar onde nasceu!

— É uma alegria estar novamente em casa.

A babá pegou a mão dele, dizendo:

— Antes de morrer, Sr. Gerald, gostaria de segurar seu filho em meus braços e saber que ele é como o senhor. . . e como foi um garoto levado!

— Antes, preciso encontrar uma esposa.

— Não será nada difícil! O senhor sempre soube como lidar com as mulheres, e não deve ter perdido o jeito agora que tem mais experiência.

— Com que então, ainda se lembra de minha reputação, babá? — O conde riu.

— Ninguém por aqui esquece. . .

— Até logo, babá. . . — disse Prunella.

A velha senhora despediu-se dela com carinho, mas a moça tinha certeza de que, quando saíssem, pensaria apenas no "seu menino".

O conde seguiu Prunella pelo jardim.

- Posso ir para casa em sua companhia? — perguntou.
- E seu cavalo?
- Jim se encarregará de levá-lo.
- Pois não, senhor.

Não conseguiu imaginar o que ele teria a lhe dizer. Quando Dawson deu a partida, o conde disse:

— Em todos os lugares em que estive, ouvi os maiores elogios à senhorita. A cada momento que se passa, percebo o quanto lhe devo, e não estou me referindo ao lado financeiro.

— As pessoas sempre exageram, e não quero a sua gratidão. Apenas fico contente de que tenha se lembrado de sua velha babá.

— Claro que me lembrava, mesmo que a senhorita não tivesse anotado o nome dela em sua caderneta. Está me ajudando muito, mas há várias omissões.

— Omissões?

— A babá acaba de mencionar duas delas.

— Ah, não importa. . .

— Importa sim. Cuidou tanto do castelo, que tenho a desagradável sensação de que ele lhe pertence muito mais do que a mim.

— Já lhe expliquei por que fiz alguns reparos no castelo e não há necessidade de voltarmos toda hora ao assunto. Esteve com os fazendeiros?

— Sim, com alguns deles, e estou surpreso com a condição das lavouras. . .

— Por favor, não os expulse. Conserve os Jackson de qualquer maneira. Eles tentaram. . . e sei que custaria uma fortuna recuperar suas plantações. Suplico que os deixe ficar.

— Baseada em que tem essa impressão de mim?

— Devo, então, fingir que ignoro que o senhor voltou sem dinheiro e que descobriu que sua herança diminuiu muito?

— Parece até que me censura pessoalmente por isso.

— Talvez sim, de certo modo. Talvez esteja errada, mas não consigo deixar de sentir que, se estivesse aqui, poderia ter impedido que as coisas chegassem ao ponto em que chegaram.

— Meu pai não queria a minha ajuda, pois sempre achou Andrews extremamente competente. Mesmo sendo amigo íntimo de seu pai, duvido que se apoiasse nele.

— Tenho certeza de que não. Quando seu pai adoeceu, tudo foi de mal a pior. Quando morreu, os procuradores me disseram que não havia dinheiro. Fiz o que pude, mas o senhor devia estar presente.

— Você é muito franca, Prunella.

Achou tal tratamento uma impertinência. O fato de ele chamar Nanette pelo primeiro nome não lhe dava o direito de fazer o mesmo com ela. Muito menos, sem a sua permissão.

Continuaram a viagem em silêncio. Não conseguindo mais conter a curiosidade, Prunella perguntou:

— Talvez eu faça mal em me intrometer, mas preciso saber. Vendeu os quadros de Van Dyke? Quantos?

O conde a encarou. Constrangida, a moça desviou o olhar para as almofadas desbotadas da carruagem.

— Não vou responder. Não agora. Talvez possamos discutir o assunto amanhã à noite, quando jantar comigo.

— Não sei por que tanto mistério. . .

Tinha a sensação de que o conde zombava dela. No entanto, a venda dos Van Dyke era uma coisa séria; não devia ser tratada com aquela superficialidade, nem como uma piada.

— Há outras coisas sobre as quais quero conversar, mas o importante é saber o que pretende fazer de sua vida, agora que está livre das responsabilidades do castelo de Winslow. E também há Nanette. Ela definhará, sem distrações ou divertimentos, a não ser aqueles enfadonhos chás que costumam tomar na casa paroquial. . .

— Quem andou lhe contando essas coisas? — perguntou Prunella, um pouco irritada.

— Todas as pessoas com quem tenho conversado, desde que voltei para casa.

— Pois acho que devia, cuidar de seus próprios negócios! O que Nanette e eu fazemos ou deixamos de fazer não lhe diz respeito, senhor. Somos muito felizes, as duas.

— Duvido que se satisfaçam com a mediocridade desta vida. Tenho certeza de que Nanette acha a aldeia uma substituta muito pobre para Londres. E se você está mesmo tão contente como diz, já é hora de abandonar esse mundo de sonhos, que não tem nada a oferecer e começar a viver de verdade.

— Fala com grande conhecimento de causa, senhor conde. . . — comentou Prunella, cheia de ironia.

— Foi você quem pediu a minha ajuda. . . Tenho certeza de que para Nanette, o meu sobrinho, seja ele quem for, deve ter parecido o próprio príncipe encantado dos contos de fada, pelo simples fato de ela viver sempre solitária naquela sua casa tão melancólica.

— Não admito que fale assim do lugar onde moro

— O que estou dizendo é a pura verdade e você sabe! O que nós dois temos que decidir, Prunella, é como poderemos trazer vida e alegria para a existência de duas jovens abandonadas. . .

— Tenho certeza de que o senhor está muito ocupado no momento e que não encontrará tempo para pensar em nós. Assim que voltar a Londres, esquecerá a nossa aldeia.

— Quem lhe disse que voltarei a Londres?

— Não acredito que ache a sua casa muito mais interessante do que a nossa.

— Pelo contrário, acho o castelo absorvente. Como você mesma já verificou, há muito que fazer nele e em toda a propriedade. Vai me ajudar, Prunella? Ou lutar contra mim?

— O castelo é seu.

— Já estou cansado dessa guerra surda.

— Guerra surda?

— Não sou tão estúpido a ponto de não perceber que não gosta de mim e que me despreza. Só está esperando que eu cometa algum erro imperdoável para poder despejar a sua cólera virtuosa sobre mim.

— Não é verdade! Está exagerando e isso não ajuda em nada o nosso relacionamento.

— Com que então, temos um relacionamento! Isso me surpreende! — disse o conde, com profunda ironia.

Prunella sentiu que se batiam em duelo e que ela se descuidara, permitindo que ele desse um golpe.

— Acho que o senhor está criando mais dificuldades do que é preciso. Quero ajudá-lo no que se relaciona com o pessoal a seu serviço e quero que me ajude a me livrar de seu sobrinho Pascoe. Com certeza, podemos fazer as duas coisas sem brigarmos, não?

— Bem, minha cara Prunella, é o que temos feito desde que voltei.

Ela ia falar, mas o conde a interrompeu com um gesto.

— O que fiz quando você era nova demais para entender deixou-a chocada. Se for honesta, reconhecerá que juntou meus pecados aos de sua mãe, o que considero extremamente injusto.

Prunella baixou a cabeça e ele continuou, mostrando-se mais delicado :

— Que tal fazermos uma trégua? Preciso de sua ajuda e tentarei ajudá-la. Concorda?

Estendeu a mão, e, como não conseguisse encontrar palavras, Prunella fez o mesmo. A força daquele aperto de mão despertou-lhe uma sensação estranha. Não conseguia explicá-la, a não ser pelo fato de que nunca havia sido tocada por um homem e era diferente do que esperava.

— Desculpe se fui desagradável, senhor. . .

Até parecia Nanette falando e tinha certeza de que, se encarasse o conde, o veria sorrindo, imaginando que havia conseguido uma pequena vitória. Em vez disso, ele disse gravemente:

— Você se desculpa, mas eu também me desculpo por não ser aquilo que esperava.

Nesse momento, entraram no caminho que levava à casa de Prunella. O conde levou a mão da jovem aos lábios e beijou-a.

CAPITULO IV

No trajeto para o castelo, em companhia de Nanette, Prunella tinha uma estranha sensação que não conseguia explicar.

Achou que tudo se devia ao fato de estar constrangida por rever o conde, depois da conversa da véspera, mas sabia que aquilo também se devia à sua aparência.

Apesar de seus protestos, Nanette insistiu para que experimentasse vários de seus vestidos.

— Não vou ao castelo vestida como uma debutante! Já tenho quase vinte e dois anos e, como você observou quando estava zangada comigo, a caminho de ser considerada uma solteirona.

— Disse aquilo só porque você estava implicando comigo. Algumas vezes, sinto-me até mais velha do que você. É verdade que fui para a escola e que passei uma temporada em Londres. . .

Nanette não deixava de ter razão. Às vezes, falava e agia com tanta elegância e sofisticação, que deixava Prunella admirada.

Os vestidos novos de Nanette eram lindos, elegantes e haviam custado uma pequena fortuna.

— Achei que você ficaria chocada com as minhas extravagâncias, mas a madrinha disse que ser apresentada à sociedade é muito importante e que não me levaria aos lugares que frequenta, a não ser que eu me vestisse como uma herdeira.

— Mamãe sempre dizia que as pessoas bem-nascidas nunca falam de dinheiro. . .

— Se isto é verdade, ninguém aqui na aldeia é bem-nascido. Desde que voltei para casa, não se fala de outra coisa, a não ser a falta de dinheiro no castelo! E em Londres, apesar de se comentar em voz baixa, as pessoas estão sempre muito bem informadas sobre a fortuna dos outros.

— Prefiro pensar no caráter das pessoas.

— É exatamente o que tenho lhe pedido para fazer, no caso de Pascoe. Tem uma personalidade adorável, é bom, gentil, cheio de consideração, e você se esqueceu de tudo isso, simplesmente porque ele não tem dinheiro sobrando no bolso.

Prunella achou que havia caído em uma armadilha. Tinha a sensação de estar brigando com o conde, em vez da irmã. Nanette já não respeitava a sua autoridade como antes. Foi isso o que a fez resolver não se vestir de branco, como se quisesse parecer uma debutante. Era a mais velha e isso devia ficar bem claro.

— E que tal um vestido branco e prata? — perguntou a irmã, examinando o guarda-roupa cheio de trajes, cada um mais bonito do que o outro.

— Vou de preto. E, como concessão à ocasião, usarei o colar de diamantes que foi de mamãe.

— Vai parecer um urubu! Espere aí. . . Tenho o vestido certo para você!

Abriu outro armário, onde Charity havia guardado os vestidos que, por algum motivo, ela quase não usava;

Prunella esperou, mas sem demonstrar maior curiosidade. Como toda mulher, desejava ter lindas roupas, mas a verdade é que havia gasto mais do que podia na restauração do grande salão do castelo.

Bem, acho que posso recorrer à minha herança, pensou, imaginando que o pai ficaria horrorizado com semelhante idéia.

Nanette voltou com um vestido azul-hortências ainda mais elaborado e elegante do que os que tinham examinado.

— Minha madrinha e eu o escolhemos à luz artificial e, quando o experimentei, a cor não ficava bem em mim. Nunca foi usado.

Prunella sabia que era exatamente aquilo que queria! O azul era de uma tonalidade linda e, à noite, escurecia um pouco, de tal forma que parecia o céu em um dia nublado.

Quanto ao vestido, pareceu feito sob medida para ela.

Nanette tinha cabelos dourados, da cor de uma espiga de milho quando amadurece. Os de Prunella também eram claros, mas com reflexos castanhos.

Os pesados vestidos pretos e cinza que tinha usado durante um ano pareciam roubar a vivacidade de seus olhos azuis, e o corte escondia a graça e a elegância de seu corpo.

Agora, o corpete muito justo modelava-lhe o busto e revelava a perfeição de suas formas.

— Você está linda! — disse, Nanette, quando Prunella foi até o seu quarto, ver se já estava pronta. — Se os costureiros de Londres pudessem vê-la, ficariam orgulhosos de seu trabalho.

— Este vestido deve ter custado uma fortuna. . .

— O preço não importa. Daqui por diante, cuidarei para que você ande sempre bem-vestida. Não hesitarei em gastar o que for necessário; afinal, você me deu todo o dinheiro que mamãe lhe deixou.

Prunella ficou muito tensa e não disse nada. Notando sua reação, Nanette comentou:

— Lá em Londres, as pessoas falam a respeito de mamãe sem se sentirem chocadas. Todas as senhoras me contaram como ela era bonita. Apesar de ser bem pouco provável que a convidassem para suas festas, se ainda fosse viva, jamais disseram coisas desagradáveis sobre ela.

Prunella estava resolvida a não discutir aquele assunto.

— Precisamos acabar de nos vestir, caso contrário chegaremos atrasadas. Você sabe tanto quanto eu que a Sra. Carter não é lá muito boa cozinheira, e, se ficar nervosa, o jantar será um desastre.

— Já estou pronta. Você me acha bonita?

"Bonita" era uma palavra muito fraca para descrevê-la. Seu vestido branco, entremeado de aplicações da mais delicada renda, fazia com que parecesse uma princesa de contos de fada. Para aumentar a ilusão, usava um raminho de flores azuis no cabelo e um colar de pequeninas turquesas.

Prunella estava certa de que aquelas flores tinham um significado especial, mas não fez comentários. Disse à irmã que estava linda.

— Que abrigo vai usar com esse vestido? — perguntou Nanette.

— Minha capa de veludo.

— Aquela velharia? Não, leve um dos meus xales. Tenho um, de seda pura, que combina com essa roupa. — Colocou-o sobre os ombros de Prunella e suspirou. — Ah, se fôssemos jantar com o conde em Londres. . . Depois iríamos a um baile, e eu poderia dançar com Pascoe!

Prunella não respondeu e saiu do quarto, na direção da escada. Seu vestido era tão elegante e o tecido tão fino, que tinha a impressão de estar flutuando.

Dawson esperava por elas, e entraram na carruagem. O sol se punha e os primeiros rouxinóis começavam a cantar no parque.

— Está animada, Prunella? Afinal, apesar de você reprovar o conde, ele é um homem, e deve ser muito mais excitante conversar com ele do que com o vigário da aldeia.

..

Prunella estava pensando o mesmo, e decidiu, por consideração a Nanette, ser mais agradável para com o conde.

Quando começou a subir os degraus de pedra do castelo, que lhe eram tão familiares, viu, com espanto, uma estranha figura parada junto à porta de entrada.

Esperava encontrar Carter, o criado, que estava muito velho e reumático e, por isso mesmo, andava sempre com chinelos de feltro. No entanto, o criado que as aguardava tinha uma aparência impressionante. Era muito moreno, de barba, e usava um turbante.

Prunella logo percebeu que se tratava de um *sikh*, membro de uma conhecida seita religiosa na Índia. Ele se inclinou respeitosamente e Nanette, atônita, cochichou:

— O conde deve ter trazido esse homem da Índia.

— Sim, é claro, mas ele não combina nem um pouco com o castelo ...

O criado indiano seguiu à frente das duas e, para grande surpresa de Prunella, abriu a porta do salão. Como o conde estava sozinho, esperava que as recebesse na biblioteca.

Enquanto entrava no salão dourado, percebeu que as capas dos móveis haviam sido retiradas, as cortinas afastadas, os candelabros acesos e as paredes, que ela mandara restaurar, pareciam novas. Era o aposento mais importante de todo o castelo, e Prunella nunca tinha visto nada tão bonito.

Por causa de uma infiltração no teto, algum tempo atrás, foi preciso fazer uma grande reforma no salão. Prunella fez questão de reconstituir todos os detalhes, usando para isso as plantas e desenhos originais de Inigo Jones.

Seguindo-os, mandou pintar as paredes de branco e fez dourar novamente os frutos, flores e folhagens lindamente esculpidos, usando diferentes tonalidades de ouro.

Felizmente, os quadros não haviam sido atingidos, nem os consolos com tampo de mármore. As cortinas de veludo escarlate combinavam com a mobília, e o salão estava agora exatamente como era na época da inauguração.

Ficou tão distraída admirando o salão e o teto, com deuses e deusas pintados sobre fundo azul, que não notou a presença do conde.

Quando ele atravessou o salão e veio cumprimentá-las, percebeu que havia um homem com ele. Estremeceu ao reconhecer Pascoe Lowes.

— Pascoe! — murmurou Nanette, no auge da felicidade.

— Seja bem-vinda, Prunella — disse o conde. — Sinto imenso prazer por você, Nanette e meu sobrinho Pascoe serem os meus primeiros convidados depois que voltei para casa.

Dominando-se a custo, Prunella fez uma pequena reverência. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, ouviu Nanette dirigir-se ao conde:

— Obrigada, obrigada! Sabia que seria uma noite maravilhosa!

Então, como se não conseguisse mais se controlar, quase correu para Pascoe, e deram-se as mãos.

O conde não tirava os olhos de Prunella. Falou, em voz baixa, para que só ela ouvisse:

— Antes de me censurar, deixe-me dizer que tenho motivos para incluir meu sobrinho neste jantar.

— Espero que sejam motivos muito bons!

— E são. Sabe que está muito elegante? É a primeira vez que a vejo vestida na moda, e, como sempre usamos da maior franqueza, devo acrescentar que a sua aparência melhorou muito!

Prunella encarou-o, irritada, com o que considerou uma impertinência. Pelo brilho dos olhos dele, percebeu que queria provocá-la. Se caísse em sua armadilha, estaria se comportando de maneira infantil.

— Nanette já me fez compreender que não passo de uma camponesa, senhor.

— Se for verdade, trata-se de uma camponesa com profundo bom gosto. . .

Voltou a olhá-lo, surpresa, achando que se referia a seu vestido, mas o conde apressou-se em acrescentar:

— Achei mais apropriado recebê-las neste salão, levando em conta o quanto ele lhe deve.

Não esperava ouvir aquilo. Será que a estava censurando por gastar tanto dinheiro com um só aposento, quando era bem pouco provável que um dia conseguisse reembolsá-la?

Escolhendo as palavras com cuidado, Prunella respondeu:

— Acho que este salão é um dos mais lindos que Inigo Jones projetou. Pertence não somente a este castelo, mas à posteridade.

— Tem razão, Prunella, mas sinto-me grato que pertença a mim, no momento.

Sem dúvida, o conde estava sendo sincero, e a moça não soube o que dizer. Nesse momento, Pascoe afastou-se de Nanette e veio falar com Prunella:

— Perdoe-me, Srta. Broughton. É um grande prazer vê-la novamente.

— Obrigada — disse Prunella, sentindo-se incomodada com a sua aproximação e demonstrando certa frieza.

— Bem, a ocasião é muito especial e insisto que comemoremos com champanhe. Naturalmente, beberão à minha saúde! — declarou o conde.

O criado indiano entrou com uma bandeja de prata sobre a qual eslava um balde também de prata contendo uma garrafa de champanhe.

Quando todas as taças foram cheias, o conde levantou a dele.

Ao castelo de Winslow e a seu anjo da guarda, que o preservou para a minha volta e a quem devo eterna gratidão.

Prunella sentiu que corava.

Nanette imediatamente comentou:

— Está vendo só, Prunella? Todo o tempo e o esforço que você empregou no castelo estão sendo reconhecidos! Não é mesmo, senhor conde?

— Realmente. E a cada dia que passa, descubro novas provas da generosidade de sua irmã.

Receosa de que ele estivesse se ressentindo por ela ter feito tanto, a moça corou ainda mais e, para mudar de assunto, dirigiu-se a Pascoe:

— Lembrava-se de seu tio, mesmo não o tendo visto há tantos anos?

— Mas é claro! Como poderia esquecer alguém que sempre me pareceu um herói e cuja fama só fez aumentar, pois todo mundo falava dele com admiração?

— Pois Prunella, muito pelo contrário, acha que todos se referiam a mim com verdadeiro horror!

— É porque as pessoas não tinham mais de que falar! — apressou-se em dizer Nanette. — Agora que está em casa, será fácil para o senhor construir uma bela reputação, e o passado será esquecido.

— Você me encoraja demais, Nanette. Espero que me ajude a trilhar esse caminho tão cheio de espinhos. . .

— Nós o ajudaremos, não é mesmo, Pascoe?

Estendeu-lhe a mão, enquanto falava, e o rapaz segurou-a, com carinho.

Sem dizer nada, Prunella encaminhou-se até uma mesinha entre duas janelas e a examinou de perto.

Sobre ela havia uma coleção de caixas de rapé que pertencera ao avô e ao pai do conde. Ela mesma tinha arrumado as peças sobre uma toalha nova de veludo azul, pois a antiga estava desbotada e empoeirada.

— Continua a verificar se eu me desfiz das peças mais valiosas? — perguntou o conde, aproximando-se.

Prunella estremeceu, pois se lembrava de ter incluído as caixas na relação de objetos que considerava mais vendáveis.

Sentiria uma pena enorme ao separar-se delas, mas não eram tão antigas e valiosas como vários outros tesouros do castelo.

— Na verdade, estava pensando em como são bonitas. . .

— E ao mesmo tempo, achava que não se incomodaria se fossem vendidas... — observou o conde, forçando-a a uma confissão.

— Tudo pode se tornar precioso, quando tem um significado pessoal. Agora sei quanto lhe deve ser difícil ter que fazer uma escolha.

— Está realmente levando em conta os meus sentimentos?

— Claro que sim! Todos esses objetos lhe pertencem e estiveram a sua volta durante toda a vida. Naturalmente, será difícil para o senhor separar-se de qualquer um deles.

— Fico contente por me julgar assim. Achei que você imaginava que eu estava disposto a vender o que quer que fosse, para conseguir dinheiro e me divertir. Devia estar ansioso por isso, depois de um exílio de tantos anos...

Aproximou-se mais e Prunella, incomodada, foi para junto da janela.

— Vejo que começou a reformar o jardim. Conseguiu encontrar alguém capaz de ajudar o velho Ives?

— Ives contou-me que quer se aposentar, e não me parece que seja capaz de trabalhar mais de uma hora por dia.

— É verdade, mas até hoje ele deu o melhor de si.

— Reconheço isso e encontrei uma casinha para ele.

— É mesmo? E o que há de mal com o lugar onde ele está morando? Vive lá há mais de vinte anos, desde que se tornou o jardineiro chefe, e não gostaria de se mudar.

— Conversei com Ives e ele entende perfeitamente que precisarei de sua casa para o homem que irá substituí-lo. Tenho certeza de que viverá com bastante conforto, assim que a pequena casa que escolhi para ele tiver sido reformada.

Prunella morria de vontade de saber de qual casa se tratava, mas refreou a curiosidade.

Ele quer que eu faça perguntas, pensou. Gostaria que eu interferisse, para, dessa forma, poder dizer o que pretende fazer sem a minha ajuda. . .

Deu as costas para a janela e olhou na direção de Nanette, que conversava animadamente com Pascoe.

Estavam muito perto um do outro, e qualquer pessoa que os visse perceberia que se amavam.

— Meu sobrinho chegou hoje. É um rapaz simpático e atraente.

— Sim, mas de modo superficial. . .

— Ele me contou, com toda franqueza, a situação em que se encontra. Acho difícil entender como meu cunhado dirigiu seus negócios de maneira tão desastrosa. Sempre acreditei que fosse rico.

— Seu pai acreditava o mesmo.

— O que não deixa de ser uma infelicidade para o meu sobrinho. ..

— Lembre-se de que pedi a sua ajuda.

— E estou disposto a ajudar, desde que me prove que a separação deles é o melhor para a felicidade e o futuro dos dois.

— Por acaso está sugerindo que encorajaria esse rapaz fútil a se casar com minha irmã, apenas por dinheiro?

— Claro que não. . . Se é isso o que ele está pretendendo.

— Então diga-lhe que a deixe em paz.

— Existe algum outro homem?

— No momento, não. Mas, se o seu sobrinho se afastar, providenciarei para que ela encontre alguém.

— Como pode fazer uma coisa dessas?

— Deixando-a voltar a Londres e, até mesmo, levando-a para lá, caso seja necessário.

— Acho que é uma idéia original — comentou o conde, sorrindo. — Por que não? Ir para Londres faria muito bem a você. Na pior das hipóteses, alargaria consideravelmente os seus horizontes.

— Não estou preocupada comigo, senhor. Penso em Nanette.

— E eu, muito embora não acredite, estou pensando tanto em Nanette quanto em Pascoe.

O jantar estava bem mais gostoso do que Prunella esperava e lhe proporcionou grandes surpresas. Para começar, foi servido por dois criados indianos. E, assim que os

pratos começaram a chegar, ela percebeu que não tinham sido preparados pela Sra. Carter. Eram deliciosos, e os vinhos que os acompanhavam, soberbos. Alguns deles Prunella não conhecia.

O conde dedicou-se a tornar o jantar o mais agradável possível. Contou com muito espírito suas aventuras na Índia e descreveu, com riqueza de detalhes, a complicada viagem de volta à Inglaterra.

Ele falava com animação, e Pascoe fazia comentários divertidos e bem-humorados. Nanette ficou empolgada e até mesmo Prunella riu.

O homem passou rápido. Quando Prunella se levantou, para que os homens tomassem à vontade seu copo de vinho do porto, Nanette a seguiu, segurando-lhe a mão.

— Não foi divertido? Nunca imaginei que Pascoe fosse tão espirituoso. Até você riu de suas piadas.

Chegaram ao vestibulo, e Prunella disse:

— Tenho que ir até lá em cima. Não precisa me acompanhar, se não quiser.

— Claro que irei com você.

Subiram a escada. Nanette esperava que a irmã entrasse em um dos quartos, mas Prunella tomou a direção oposta. Pouco depois, estavam na galeria dos retratos.

Ao olhar para o imenso corredor, sentiu um aperto no coração, como se a tivessem apunhalado.

A Sra. Goodwin tinha razão!

Os quadros haviam sido retirados da parede. Vários estavam no chão. Entre eles, não conseguia ver nenhum de Van Dyke.

Não disse nada. Limitou-se a dar as costas e, descendo a escada, caminhou para o salão. Sentia como se a casa tivesse desabado, jazendo em ruínas a seus pés.

— Sei que você está preocupada — comentou Nanette —, mas sabe tão bem como eu, Prunella, que ele tinha que vender algo para poder pagar os cavalos, esses criados indianos engraçados e as reformas das casas dos criados aposentados. Devia ficar contente com isso.

Sempre se preocupou com as pessoas idosas e gastou todo o seu dinheiro com elas.

Prunella não conseguia dizer nada.

Sentia que, de certo modo, o conde a havia iludido, mostrando-se tão agradável ao pedir a sua ajuda e prometendo ajudá-la a resolver a situação com Pascoe.

Pensou, um tanto ingenuamente, que ele pretendia fazer o que ela queria e que venderia alguns dos tesouros, mas não, os Van Dyke.

— Os quadros são dele, e cabe ao conde tomar as decisões. . . não, a mim.

Mesmo assim, sentia-se enganada, traída, e, mais uma vez, detestou aquele homem.

— Oh, Prunella, não fique tão preocupada! — suplicou Nanette. — Desse jeito, vai estragar a noite. Estou me divertindo tanto, e é maravilhoso ter Pascoe a meu lado. . . Pensei nele o dia inteiro!

— Já sei o que vamos fazer.

Prunella, finalmente havia recuperado a voz, que soava de maneira muito estranha.

— Do que está falando?

— Vamos para Londres! As festas e as recepções estão no fim e muita gente já partiu de férias, mas você quer me comprar vestidos novos e rever seus amigos. Tenho certeza de que alguns deles ainda estão lá. Pelo menos, nos afastaremos daqui.

Nanette olhou para ela profundamente surpresa.

Prunella tinha plena consciência de que estava fugindo de algo que a magoava demais. Não conseguia continuar ali, vendo tudo aquilo acontecer, sem poder impedir ou sequer protestar!

Quando partiram para Londres na manhã seguinte, Nanette se queixava sem parar.

— Não entendo por que toda essa pressa. Pascoe vai ficar hospedado com o tio até amanhã e eu queria vê-lo.

— Iremos para Londres, e, como não posso deixá-la sozinha em casa, você terá que viajar comigo.

— Claro que irei com você, pois quero muito ir para Londres, mas não com tamanha precipitação!

Charity disse o mesmo.

— Meu Deus do céu! A senhorita ficou aqui ano após ano, sem se queixar, sem modificar nada e, de repente, parte assim, sem mais nem menos!

Prunella manteve-se firme em sua decisão. Como sua bagagem era pouca, toda a criadagem foi recrutada para ajudar com os vestidos de Nanette. Partiram antes do meio-dia.

Ao voltarem para casa na noite anterior, Prunella não pôde dormir. Só conseguia pensar na comprida galeria com suas paredes nuas e escuras. Sentia o coração apertado de tanta infelicidade.

A perda dos quadros era a prova definitiva de que o conde a iludira, mostrando-se agradável, agradecendo tudo o que tinha feito pelo castelo, enquanto, em surdina, fazia o tempo todo a única coisa que ela lhe suplicara para não fazer.

Sentia como se os antepassados nos retratos a chamassem, suplicando que os salvassem, e ela tivesse falhado. Agora, não se iludia mais: os outros tesouros também seriam vendidos. Com o dinheiro, o conde pagaria os criados, compraria cavalos, reformaria o jardim e cuidaria do pomar. Como podia ser tão tolo, a ponto de não perceber que cada peça do castelo fazia parte da história e que determinados luxos não eram essenciais?

Quando o conde e Pascoe foram a seu encontro no salão, sentiu ímpetos de censurá-lo, de dizer-lhe que seus descendentes nunca o perdoariam por roubar-lhes algo que lhes pertencia.

Mas percebeu que isso seria apenas repetir as palavras do velho conde que tinham levado sir Gerald a se afastar da casa.

Sabia que nem Nanette nem Pascoe compreenderiam o quanto tudo aquilo era importante, ficariam chocados, se ela se descontrolasse.

Limitou-se a ficar muito séria, enquanto os outros riam e conversavam. De repente, levantou-se e disse que estava na hora de voltarem para casa.

— Oh, ainda não, Prunella! Por que tanta pressa! — perguntou Nanette, desapontada.

— O velho Dawson não costuma ficar acordado até tão tarde, à nossa espera. — Deu a primeira desculpa que lhe passou pela cabeça.

— Já pensei nisso — informou o conde. — Mandei que voltasse para casa antes do jantar e providenciei para que vocês sejam levadas em minha carruagem.

— Em sua carruagem? — repetiu Prunella.

— Fiquei surpreso ao ver que meu pai tinha um veículo tão confortável. Claro que mais tarde preciso comprar um cabriolé, que tem melhores molas e está mais na moda. Hoje, Jim as levará para casa, e garanto que chegarão lá sãs e salvas. . .

— Que ótimo ter pensado nisso! — disse Nanette, entusiasmada.

— Prometi mostrar a biblioteca a Pascoe. Não vamos demorar. Desapareceram antes que Prunella pudesse dizer qualquer coisa.

Assim que saíram o conde perguntou:

— O que a deixou preocupada?

— Nada. Como sabe, não gostaria que Nanette ficasse mais envolvida e apaixonada por seu sobrinho do que já está.

— É uma garota encantadora.

— Por isso mesmo, não quero que se atire nos braços de um homem que não a merece. Deve compreender que, como Nanette e eu não temos mais pais; sou responsável por ela.

— Sim, você é muito inclinada a assumir os problemas dos outros — disse o conde, sem lhe fazer exatamente um elogio.

— Tenho que fazer o que acredito seja o meu dever.

— Dever! Como desprezo essa palavra! Quando criança, viviam martelando em meus ouvidos que era meu "dever" fazer isso ou aquilo. Meu pai gostava muito dessa palavra e tenho certeza de que o seu também.

— Muita gente tem plena consciência de suas responsabilidades na vida.

— E muitas, não. A felicidade está onde a gente a coloca. Talvez me engane, mas tenho a sensação de que você ainda não a descobriu.

— E por que imagina que eu seja infeliz?

— E é?

— Não quero responder.

— Pois gostaria que respondesse; não, para mim, mas para si mesma. Lembre-se, Prunella, de que a verdadeira felicidade consiste em gozar a vida ao máximo. Tenho o pressentimento de que não começou a fazer isso e de que não tem a menor idéia de como começar.

— Acho, senhor conde, que está tentando me convencer de que levo uma vida insípida e monótona. Não consigo entender as razões que o levam a agir assim.

— Talvez esteja abrindo as portas para novos interesses, novas aventuras. . . Gostaria de lhe mostrar um mundo bastante diferente daquele em que se trancou e onde se refugiou, feito um caracol que carrega a sua casinha nas costas.

— Não percebo onde está querendo chegar. Desculpe, mas está mais do que na hora de irmos para casa.

Levantou-se e, nesse momento, Nanette e Pascoe voltaram para o salão.

Tinham um ar de felicidade, e Prunella desconfiou que Nanette tinha sido beijada.

Mal podia acreditar que a irmã se comportasse de maneira tão repreensível, mas a desconfiança permaneceu durante o tempo todo, enquanto voltavam para casa.

Nanette sentou-se muito quieta em um canto da carruagem, sem falar, como costumava fazer, com um brilho diferente no olhar, um sorriso nos lábios e o ar ausente.

Só quando Prunella comunicou que partiriam para Londres na manhã seguinte, ela protestou e argumentou, mas em vão.

Assim que chegaram, Prunella procurou um hotel velho e fora da moda, onde o pai costumava se hospedar quando ia a Londres a negócios.

Quando se apresentou, o gerente a cumprimentou com grande amabilidade e deu-lhe os pêsames pela morte de sir Roderick.

Ficaram em uma suíte enorme e triste, com pesados móveis de mogno e dois quartos muito simples.

— Bem, viemos a Londres quando eu menos esperava. Não consigo imaginar o que você pretende, Prunella — disse Nanette, afundando-se em uma poltrona.

— Como assim, o que pretendo? Não sei aonde você quer chegar.

— Eu a conheço muito bem. Você detesta Londres e adora ficar em casa, mandando em todo mundo. . . — Interrompeu-se subitamente. — Agora sei porque viemos! É que você está zangada com o conde, pois agora já não pode mais ser o anjo da guarda do castelo! .. — Não é verdade!

— Mas é claro que é! Durante muito tempo, tudo correu como você queria: dirigia nossa casa e a vida no castelo, e todos viviam beijando as suas mãos. Agora, todos se passaram para o lado do conde. Pobre Prunella, é claro que você se importa!

— Em absoluto! Não me importo nem um pouco! O que você diz está muito longe de ser a verdade!

Mas Prunella sabia que era, pelo menos, uma meia verdade. Nanette conseguira, até certo ponto, adivinhar os motivos daquela inesperada viagem.

CAPÍTULO V

Pascoe entrou na saleta onde o conde tomava o café da manhã, e o tio percebeu que algo não ia bem.

— O que aconteceu?

— Elas estão de partida para Londres esta manhã!

— Como sabe?

— Acabo de receber um bilhete de Nanette. Comunica que a irmã está decidida a ir para Londres e, com isso, espera livrar-se de mim.

— Acho que a culpa é minha, até certo ponto.

— Sua?

— Ontem, disse a Prunella que seria muito bom para ela alargar seus horizontes.

— Não me preocupo com o que a Srta. Prunella faz ou deixa de fazer; e sim, com a irmã.

— Isto é mais do que evidente. . .

Pascoe sentou-se e perguntou ao tio.

— O que nos impede de também irmos a Londres?

— No que me diz respeito, nada.

Pascoe sentiu-se mais aliviado.

— Pois então, vamos partir imediatamente. A primeira coisa a fazer será renovar seu guarda-roupa.

— Sim, sei muito bem que preciso de novos trajes.

— Sem dúvida; principalmente agora que está desempenhando o papel do filho pródigo que voltou ao lar!

— Pois saiba que as minhas roupas são o melhor que Calcutá tinha a oferecer.

— Então, sinto pena de quem é obrigado a morar na Índia!

— Não me importo tanto com roupas quanto você, meu caro, mas concordo que preciso renovar meu guarda-roupa. Não quero que os meus velhos amigos se envergonhem de mim.

— Se está se referindo a suas antigas namoradas, saiba que, a esta altura, já estão um tanto maduras. . .

— Bem, sempre é possível dar uma espiada em suas filhas. . .

— Ainda não tive a chance de tocar no assunto, tio Gerald, mas sabe que quero me casar com Nanette?

— Sim, tive essa impressão.

— O problema é que a irmã se opõe violentamente. Fiz o que pude, mas não consegui modificar a opinião que ela tem de mim. Acha que sou um caça-dotes.

— E você é?

— Claro que sou... Ou melhor, fui. Meus pais viviam repetindo que, se eu quisesse morar em um castelo, teria que me casar por dinheiro.

— E é o que você deseja?

i Quero me casar com Nanette, o que é algo muito diferente. Ninguém acreditará em mim, e muito menos a irmã dela, mas me casaria com Nanette mesmo que ela não tivesse um vintém. Eu a amo! É a criatura mais adorável que encontrei até hoje.

O conde ficou pensativo durante alguns instantes e comentou:

— Se isso é verdade, pelo jeito, terá que esperar até que ela se torne maior de idade.

Estou preparado para isso, apesar de saber que será um sofrimento terrível para nós dois. Principalmente para mim, pois sei que a irmã vive jogando-a contra mim. O senhor, sem dúvida, também se opõe.

— Eu não o condenei até hoje. Afinal, por que o condenaria? Você é muito parecido comigo, quando tinha a sua idade.

— É mesmo? Tinha reputação de ser muito aventureiro e fazer coisas que chocavam as pessoas, mas nunca ouvi dizer que era um caça-dotes.

Meu pai sempre foi bastante rico para que eu não tivesse que recorrer a isso. É verdade que aproveitei bem a vida, e não me arrependo nem um pouco.

— O resultado é que estive mais ou menos exilado durante quase quinze anos. . . Não quero que isso me aconteça.

— Talvez goste da Índia.

— Não! Quero morar na Inglaterra, parte do tempo em Londres e parte no campo, ter cavalos de corrida, caçar e receber meus amigos. Mas de que adianta querer tudo isto? Estou cheio de dívidas e nada lenho a oferecer a Nanette, a não ser o meu coração, que não deve alcançar lá muito bom preço na bolsa de valores. . .

— Acho que o valor de seu coração depende do quanto Nanette está interessada por ele.

— Se conseguisse convencer aquela maldita irmã a me dar uma oportunidade, poderíamos nos casar antes do Natal. Juro que seria muito bom marido.

Observando o sobrinho, o conde compreendeu por que qualquer garota da idade de Nanette ficaria fascinada. O rapaz era, sem dúvida, muito bonito; porém, o mais importante era a grande franqueza estampada em seu rosto, que se comunicava ao olhar quando ele sorria. Apesar de estragado pelos pais e pelas mulheres, Pascoe tinha certas qualidades muito importantes em um homem.

— Se realmente quer Nanette, deve lutar por ela. Caso contrário, desista e procure outra.

— Não pretendo desistir.

— Pois então, faça o que digo: lute!

— Mas como, se aquela mulherzinha terrível se coloca entre nós? Ajude-me, tio Gerald. Só Deus sabe como você é experiente com as mulheres! Convença a Srta. Prunella de que não sou tão mau como me descreveram. Não estou pedindo muito, não é mesmo?

— Quando você chegou ao castelo, achei que vinha me pedir dinheiro emprestado.

Pascoe sorriu.

— Pensei nisso, ao saber que tinha voltado da Índia. Quando o vi usando roupas tão surradas e soube das condições em que o castelo se encontrava, percebi que não podia esperar nada. Pode me ajudar de modo bem diferente e fundamental. Não quer tentar?

— Devo avisar que aquela mulherzinha terrível sente profunda aversão por mim. Durante toda a vida ficou profundamente chocada pelo fato de saber que, quando parti do

castelo, não ia só. Também me censura por permitir que a propriedade se arruinasse e, agora, por vender os quadros de Van Dyke.

— Então, vendeu mesmo? Não o censuro. Aquelas figuras penduradas nas paredes divertiram-se bastante enquanto viviam e não há a menor razão para que não contribuam para a sua diversão, agora que estão mortas!

— Se Prunella ouvisse isso, teria um ataque!

— Pois que tenha! Quem me dera possuir alguns quadros de Van Dyke! Mas, como deve se lembrar, os quadros do castelo do meu pai eram um tanto medíocres.

— E por falar no castelo do seu pai, acho que, se fosse bem administrado, até renderia alguma coisa. Afinal, o solo da região é fértil.

— Não sei nada sobre plantações.

— E por que não aprende? O rapaz o olhou, surpreso.

— Está sugerindo que eu mesmo administre as propriedades de meu pai?

— E por que não? Pelo que me disse ontem, seu pai está impossibilitado de cuidar dos negócios; tenho certeza de que sua mãe ficaria muito contente se você demonstrasse interesse por algo que, afinal, é a sua herança.

— É. . . muitas vezes, achei que tudo lá era muito antiquado. Não havia a menor possibilidade de tentar novas idéias, pois papai jamais as levaria em consideração.

— Quando ele morrer, a responsabilidade será sua. Pense no assunto, Pascoe. Acho que você e eu ainda não descobrimos muita coisa a respeito da vida no campo e que merece a nossa atenção.

— Pois eu lhe digo o que descobri: fazendas arruinadas, casas desabando, gente velha demais para trabalhar e, é claro, falta absoluta de dinheiro para contratar novos empregados.

— Que quadro tão deprimente!

— Não saberia por onde começar, a menos que tivesse dinheiro para por tudo em ordem.

— Isto nos traz de volta ao assunto Nanette.

— Casarei com ela, por mais que a irmã tente me impedir! Digo mais: se ela aceitar, juntos, colocaremos o castelo de pé. Sempre significou muito para mim: afinal, é o meu lar.

— Desejo-lhe boa sorte.

— E me ajudará com a Srta. Prunella?

— Pensarei no assunto. Se realmente vamos a Londres, acho melhor mandar preparar a carruagem.

Prunella estava sentada na sala de estar da suíte do hotel, quando Nanette saiu do quarto.

— Sinto-me tão egoísta, Prunella, por deixá-la sozinha, mas não quis pedir à madrinha que a convidasse pela segunda vez. Você bem sabe que ela não gosta de muita gente à sua volta.

— Claro que compreendo. Seus amigos foram muito gentis comigo. Ontem, tive um almoço agradabilíssimo com lady Dobson e passei uma noite das mais agradáveis com nossos primos.

— Pois então, divertiu-se mais do que eu. Achei-os um tanto aborrecidos: só teriam falado de mamãe, se você não tivesse dado o contra.

— Isso é verdade. Prima Cecília não teve o menor tato, pois não parava de se referir ao assunto.

— Ela já tem idade bastante para saber se comportar melhor. Ainda bem que não precisamos agüentar aquela gente de novo.

Prunella riu. Desde que haviam chegado a Londres encontraram muitas pessoas que Nanette tinha conhecido na viagem anterior e que ainda não haviam partido de férias para o campo. Foi recebida com muita amabilidade e convidada para jantares e festas.

A única dificuldade era que a presença de duas moças solteiras poderia ser encarada com alguma reserva. E Prunella não queria, de modo algum, atrapalhar a irmã.

A primeira coisa que fizeram, logo ao chegar, foi sair à procura das lojas elegantes, para comprar vestidos novos. Nanette havia resolvido que a irmã devia se vestir com a mesma elegância que ela. Ignorou os protestos de Prunella e comprou tanta roupa e tantos enfeites que quase chegou aos limites do exagero.

— Não quero sentir vergonha de você: o que significa que temos que gastar dinheiro! Não importa quem paga, se você ou eu. Sua aparência deve ser impecável e só isto conta.

Naquele dia, Prunella estava muito elegante, com um vestido verde-claro que fazia sua pele parecer mais alva do que nunca, e Nanette disse, em tom de desculpa:

Não queria deixá-la, mas o que posso fazer? Não se preocupe comigo. Só coloquei este vestido para ter a certeza de que ele me serviria em ocasiões mais importantes.

Você está bonita demais para jantar sozinha, mas prometo que amanhã faremos alguma coisa juntas.

Beijou o rosto de Prunella, que perguntou: Alguém virá buscá-la, não é mesmo?

- Sim, é claro, mas a madrinha disse que me esperariam na porta do hotel e já estou atrasada.

Saiu às pressas do quarto, antes que a irmã pudesse fazer outras perguntas.

Suspirando, Prunella levantou-se e foi até uma mesa enfeitada com um vaso. As flores faziam com que pensasse em sua casa, e sentia certa melancolia ao lembrar-se do jardim, do gramado muito verde que se estendia até um pequenino regato e do cavalo que a esperava na cocheira.

É lá que queria estar agora, pensou.

Será que o conde galopava toda manhã? Teria comprado os cavalos que queria?

Aquilo tudo lhe parecia absurdo e talvez não passasse de fruto da sua imaginação, mas sentia falta do conde, de suas disputas com ele e, até mesmo, da raiva que despertava nela toda vez que se encontravam.

O que estaria fazendo agora? Quantos quadros já teria vendido? Será que, quando voltasse, não encontraria mais nada na galeria?

Era um tormento pensar em tudo o que havia sido perdido, e, em vez de visualizar os tesouros que amava, novas visões povoavam sua mente.

Via diante de si o próprio conde, com uma expressão zombeteira, um sorriso irônico, muito à vontade em suas roupas folgadas e deselegantes.

Onde quer que se encontrasse, parecia dominar tudo, até mesmo o Salão Dourado.. . ela!

"Eu o odeio!"

Ao mesmo tempo queria vê-lo. Queria discutir com ele, ouvir sua voz grave, tentar vencê-lo com seus argumentos.

Ele estava destruindo tudo aquilo que ela amava, mas. . .

Teve então a inquietante sensação de que era mais agradável estar em sua companhia, mesmo escandalizada e irritada, do que ficar sozinha como agora, presa naquele hotel melancólico, em uma cidade de que não gostava.

Não entendia como alguém podia achar Londres excitante.

Talvez o fosse para Nanette, sempre rodeada de jovens, mas para Prunella, não passava de um labirinto de ruas estreitas e sujas. Sentia falta do ar puro e dos cavalos que montava. Acima de tudo, suspirava pelas coisas que lhe eram familiares e com as quais estava envolvida.

Agora sabia como gostava de sua casa, como era importante que as pessoas da aldeia fossem procurar seu conselho e ajuda. Mas o fundamental era cuidar do castelo de Winslow.

No ano anterior, depois da morte de seu pai, ia quase todos os dias ao castelo. Adorava percorrê-lo, admirando a beleza dos salões, os tetos, os quadros, orgulhosa por impedir que muitos deles se perdessem ou sofressem danos irreparáveis.

Queria voltar para casa. . . Mas pensava no castelo e não, em seu lar.

Para sua grande surpresa percebeu, de repente, que havia lágrimas em seus olhos. Estava enxugando o rosto, envergonhada com a sua fraqueza, quando bateram à porta e um empregado do hotel anunciou:

— Há uma visita para a senhorita.

Durante um breve momento, Prunella ficou sem saber se o homem que entrava era mesmo o conde. Parecia inteiramente diferente, pois usava um elegante traje de noite, em nada parecido com o que vestia quando ela e Nanette foram jantar no castelo.

O longo casaco tinha forro de seda; o laço da gravata era elaborado, idêntico ao que o sobrinho usava, e as pontas do colarinho, reviradas para cima, chegavam à altura de seu queixo queimado de sol.

— Boa noite, Prunella!

— Boa noite. . . Senhor conde... — disse confusa e surpresa.

— Vejo que está sozinha. Receei que estivesse em alguma festa divertida ou recebendo alguém.

— Nanette está jantando com a madrinha, a condessa de Carnworth.

— E você não foi convidada?

— A senhora condessa teve a gentileza de me convidar para jantar anteontem.

— Com que então, Cinderela ficou em casa. . . Bem, quero convidá-la para sair. Será mais interessante do que ficar mofando aqui.

— É muita bondade sua, mas eu me sinto bastante bem. . . Obrigada.

— Acho que não é verdade, mas como sei que é muito hospitaleira, aceitaria, com prazer, um pouco de licor.

— Desculpe, já devia ter oferecido algo. É que fiquei muito surpresa ao vê-lo.

— Achou que eu estivesse no castelo?

— Sim, é claro! Pareceu-me que tinha muito o que fazer e que não sobraria tempo para vir a Londres.

— Senti grandes dificuldades em meu trabalho, pois você não estava lá para ajudar.
— Duvido que seja verdade.
— Juro que é. Senti sua falta, Prunella, e sou suficientemente perspicaz para perceber que você também sentiu falta de mim; ou melhor, da minha casa.

A moça deu-lhe as costas e tocou a campainha. Depois sentou-se e indicou uma cadeira a seu lado.

— Não quer se sentar, senhor?
— Obrigado.

Recostou-se e cruzou as pernas. Parecia muito à vontade, enquanto Prunella estava tensa e um pouco nervosa, sem saber exatamente por quê.

Surgiu um empregado do hotel e ela pediu licor para o conde e um copo de vinho do Porto para ela.

— É bastante corajosa para desafiar as convenções e jantar comigo?
— Por quê? Seria errado?
— Não errado exatamente, mas talvez um tanto indiscreto. Sugiro irmos primeiro ao Teatro Real, onde já reservei um camarote, e logo depois, a algum restaurante tranquilo, onde poderemos conversar.

Aquilo tudo parecia tão excitante, depois da perspectiva de uma noite enfadonha, que Prunella sentiu vontade de dizer que nada lhe daria maior prazer. Em vez disso, conteve-se e tentou recusar:

— É muita bondade sua pensar em mim, quando tantos amigos com certeza querem vê-lo, pois voltou à Inglaterra após uma longa ausência.
— Está desprezando a minha companhia, Prunella?
— Não, claro que não!
— Percebo certa ironia em sua voz, quando se refere à minha longa ausência. Já cansei de me desculpar, explicando que estávamos em guerra. Talvez devesse ser mais honesto e dizer que tinha coisas mais importantes a fazer do que voltar humildemente para casa e desempenhar o papel de filho pródigo, como Pascoe sugeriu.
— Não é minha intenção parecer que o censuro sempre. Prometemos ajudar um ao outro, mas não estou certa de que o senhor cumpre com a sua palavra.
— Só o tempo dirá.

As bebidas chegaram e Prunella notou que o conde tomava apenas um gole. Teve a impressão de que ele queria deixar claro que não pretendia se demorar. O problema era: sairia sozinho?

Embora achando que não devia aceitar seu convite, foi ao quarto buscar um agasalho. A noite estava agradável, e Prunella escolheu um xale de seda, que colocou nos ombros. Olhou-se rapidamente no espelho: o novo penteado valorizava muito os seus traços. Com os olhos brilhando e um sorriso nos lábios, foi ao encontro do conde.

Uma pequena carruagem muito elegante, puxada por dois cavalos, esperava em frente do hotel. Havia um cocheiro e um criado a postos. Prunella imaginou que o conde tivesse contratado seus serviços, gastando com certeza um bom dinheiro. Mas não queria pensar nisso. Sentia-se excitada por conhecer o Teatro Real. O velho prédio havia pegado fogo em 1809 e dizia-se que o novo, reconstruído há três anos, era magnífico e com uma novidade sensacional: iluminação toda a gás!

Estava tão profundamente mergulhada em seus pensamentos, que ficou surpresa, quando o conde perguntou:

— Em que está pensando? *Já* sei que não é em mim.

— Desculpe. . . — disse muito encabulada. — Estava pensando no Teatro Real. O grande ator Edmond Kean representará hoje à noite?

— Sim. Imagino que gostará de vê-lo representar *Otelo*. Os críticos o consideram o melhor ator da Inglaterra.

Quando se acomodaram no camarote do mais bonito teatro de Londres, a moça parecia uma criança vendo uma árvore de Natal pela primeira vez.

Edmond Kean nascera para fascinar, encantar e arrebatrar a platéia. Entregava-se de tal modo à arte que parecia consumir-se no fogo sagrado de seu gênio.

Quando foi escolhido para interpretar o papel de *Otelo*, os profetas da desgraça tinham anunciado um desastre total. No entanto, seu talento dramático não conhecia limites e sua criação foi aclamada a mais perfeita de todas as representações do mouro de Veneza. Kean superou-se e mereceu o elogio entusiasmado do grande poeta lord Byron:

— Meu Deus, este homem é pura alma!

Para Prunella, seu desempenho foi uma revelação, e ela se sentiu dominada pela interpretação brilhante de Kean e pela magia do teatro. Até então, só tinha assistido a representações de amadores, na cidade mais próxima à aldeia.

Agora, sentia-se como se fizesse parte do drama de Shakespeare. Sofria os tormentos de Desdêmona e a selvagem dor de *Otelo*, até que a tragédia deles tornou-se sua e ela se surpreendeu como que transportada para fora de si mesma.

Só quando a cortina finalmente caiu, Prunella voltou daquele mundo mágico, com o qual se envolvera emocionalmente de uma maneira que nunca havia experimentado em toda a sua vida.

Não percebeu que, enquanto seguia o que acontecia no palco, o conde a observava, compreendendo o que ela sentia naqueles momentos.

Terminado o espetáculo, estava tão emocionada, que não conseguiu fazer qualquer comentário ou até mesmo agradecer ao conde a inesquecível experiência que lhe havia proporcionado. Caminharam em silêncio até a carruagem.

Já se afastavam do teatro, quando ela comentou, bem baixinho:

— Não imaginava. . . Que pudesse me sentir assim. . .

Não havia necessidade de explicar o que ela queria dizer com aquilo, e o conde respondeu:

— Sabia que você tinha essa capacidade, mas queria ter provas.

Estava empolgada demais para pedir uma explicação. Docilmente, deixou que ele a levasse a um pequeno restaurante não muito longe do Teatro Real.

— Sinto como se nunca mais pudesse comer ou beber de novo.

— Não diga uma coisa dessas! Vou fazer os pedidos, espero que goste.

Prunella não tinha a menor vontade de discutir com ele, e, quando o garçom serviu uma taça de champanhe, bebeu com ar ausente, pois ainda parecia ouvir a voz vibrante de Kean.

Quando a comida chegou, para sua grande surpresa, descobriu que sentia fome. Comeu com apetite e comentou:

— Perdoe-me, mas nunca vi nada tão comovente e tão maravilhoso! Acho que não passo mesmo de uma caipira. . .

— *Otelo* é uma tragédia muito comovente. Tinha certeza de que você ficaria sensibilizada, como sempre fiquei.

— É muito triste. . .

— Como todas as mulheres, você gostaria que tivesse um final feliz.

— Ele não podia ter compreendido que ela o amava?

— Depois disso, acha que sabe um pouco mais a respeito do amor?

— Acho que uma pessoa. . . Tem que estar amando. . . Para saber do que se trata.

— E você nunca amou?

— Não, claro que não!

— Por que tanta veemência? Se houvesse justiça neste mundo, você já teria amado pelo menos umas doze vezes.

De repente, Prunella surpreendeu-se pensando no homem com quem sua mãe havia fugido.

— Quem foi o seu amor, Prunella?

A pergunta inesperada a assustou.

— Nunca existiu ninguém. . .

— Não é verdade! Durante um breve momento, percebi que estava revivendo algo que sentiu e sofreu.

— Está dizendo uma grande bobagem. . .

— Ao contrário, você está negando a verdade, o que, aliás, acho desagradável. É o hábito da maior parte das mulheres.

— Sempre digo a verdade!

— Então, fale-me desse amor. O que aconteceu?

— Não foi bem isso... Eu admirava uma pessoa. . . E, porque ele me disse coisas encantadoras e lisonjeiras. . . Comecei a pensar. . . E até mesmo a sonhar com ele. . .

— E teve uma decepção. Como foi que aconteceu?

— Não quero falar sobre isso. . . Mas acho que essa experiência me tornou desconfiada dos homens. . . E de tudo o que eles fazem. . .

— Já é tempo de você crescer, Prunella. Foi um sonho infantil, e as crianças ficam desapontadas com muita frequência. Agora que cresceu, tem que compreender que ninguém é perfeito; muito menos você. Se acha as mulheres inseguras, saiba que os homens também o são. Entregam-se a ações corajosas, fingindo que são mais valentes do que se pensa. Tentam até mesmo realizar o impossível, para compensar suas imperfeições.

— Nunca imaginei que os homens se sentissem assim. . .

— Deve imaginar que são fortes, onipotentes, voluntariosos, exatamente como as crianças acreditam que o pai seja. Descobrirá, no entanto, que são fracos, algumas vezes medrosos e muito necessitados de ternura.

Prunella o encarou, com assombro. O conde continuou:

— Pense, e verá que tenho razão. Seu pai era um homem dominador, exatamente como o meu. Lutei desesperadamente para não me tornar subserviente e para não me ver

forçado a obedecer a ordens que me eram dadas sem explicação. Hoje, começo a compreender que meu pai não passava de um homem que, sob vários aspectos, era decepcionado com a vida e que, para aplacar a consciência, queria passar pelo herói que nunca foi.

— Nunca pensei que ele ou papai fossem assim.

Mas, refletindo no assunto, o conde talvez estivesse certo. Seu pai, de modo bem sutil, sempre tentava provar que tinha razão. Dirigia e até mesmo dominava as vidas das pessoas à sua volta.

— Vejo que começa a entender. Agora pense em si mesma e em suas reações.

Prunella teve uma súbita visão de sua mãe, muito bela com seus cabelos louros e olhos azuis, rindo e brincando no jardim. Enquanto corriam por entre as árvores, o pai surgiu inesperadamente e se aproximou, apoiado na bengala.

Recordava com clareza que se fizera um súbito silêncio. Ela e a mãe tinham parado de correr e Nanette, que mal conseguia engatinhar, sentou-se na grama. Sua mãe foi ao encontro do marido.

— Estava brincando com as crianças — disse afogueada e tentando arrumar os cabelos.

— Estou vendo. Quero lhe falar, Lúcia — disse, com secura. — Por favor, vamos entrar.

— Claro, Roderick.

Ela falava com certo receio e voltou-se para Prunella.

— Vá procurar Charity, meu bem, e leve Nanette com você, ouviu?

— Mas mamãe, você prometeu brincar conosco.

— Seu pai quer conversar comigo, querida. Mais tarde, irei vê-las no quarto de brinquedos.

Afastou-se ao lado do pai, que caminhava com grande lentidão.

Aquela recordação tornou-se algo tão vivo que Prunella quase se irritou, perguntando ao conde:

— Estamos nos voltando para dentro de nós mesmos e de que serve isso? Não se pode desfazer o que aconteceu.

— Claro que não, mas podemos evitar continuar nas sombras do passado, em vez de deixá-las para trás e nos aquecermos ao brilho do sol.

— É o que está me pedindo para fazer?

— Sim, e comigo, Prunella!

A moça ficou muito surpresa. Encarou-o, como que pedindo uma explicação, e o olhar dele a deixou tensa.

Não sabia por quê, mas sentia o coração palpitar de modo estranho e um sentimento que não conseguia compreender apoderou-se dela.

Era exatamente o que havia sentido ao ouvir Edmond Kean no papel de *Otelo* fazendo declarações de amor.

— Não entendo... o que está querendo dizer.

Desviou os olhos, mas, mesmo assim, sentiu que o conde, apesar de não sair do lugar, parecia mais próximo dela.

Teve total consciência de como era poderoso e dominador. Sua vontade foi fugir, mas algo a obrigava a ficar. De repente, viu um casal entrar no restaurante. O garçom levou-o para uma mesa isolada, e, quando chegaram mais perto, Prunella reconheceu os dois. Eram Nanette e Pascoe!

CAPITULO VI

— Mas como é possível? Como é que ela teve coragem de mentir para mim? — Prunella repetiu várias vezes, enquanto voltavam para o hotel.

Nanette e Pascoe não haviam percebido que ela e o conde estavam no restaurante. Furiosa por ter sido enganada, sua primeira reação foi enfrentá-los e censurá-los, mas o conde a impediu.

Ia se levantar, quando sentiu uma mão firme segurando-lhe o pulso.

— Não! Você não vai fazer uma cena aqui!

— Só quero que ela saiba que a vi e que descobri suas mentiras.

— E de que adiantará?

O conde a forçou a continuar sentada.

— Confiei nela, quando me disse que ia sair com a madrinha. Imagino que, nas outras noites, tenha saído com o seu sobrinho também.

— Mas isso é tão censurável assim? Afinal de contas, eles se gostam.

— Ela mentiu para mim!

— Acredito que tenha agido assim por saber que você criaria problemas, se contasse a verdade.

— Está desculpando o comportamento dela?

— Desculpando, propriamente, não. Apenas tento compreender por que Nanette teve esse tipo de comportamento. Você é terrível, Prunella, quando põe sua agressividade para fora.

Fitou-o e percebeu um certo espanto em seus olhos, como se ele não esperasse tal reação dela.

— Não era minha intenção. Só tento agir segundo o que me parece direito.

— O que é direito para uma pessoa, não é necessariamente direito para a outra. Quem pode decidir o que é certo ou errado, quando o amor está em jogo?

— Não acredito que Nanette esteja apaixonada por seu sobrinho. É jovem demais para saber o que é o verdadeiro amor, aquele que dura toda uma vida.

— Você, é claro, sabe muito a esse respeito. . . — disse o conde, com profunda ironia.

Prunella não respondeu, mas ele notou que ela mordia o lábio e, após um momento, acrescentou, em outro tom:

— Está se preocupando em vão. Talvez seja censurável o fato de Nanette ter jantado a sós com Pascoe, mas saiba que não correu perigo algum: ele a ama.

A moça corou profundamente.

— Não estava pensando em nada disso. . .

— Pois achei que sim, pelo modo como se comportou.

— Não, claro que não! No entanto, fiquei muito chocada e magoada com Nanette, por ter mentido com tamanha desfaçatez.

— Compreendo, mas precisa aprender, Prunella, que, quando alguém está apaixonado, mais ninguém, até mesmo as pessoas mais próximas e queridas, têm a menor importância.

— Mas o que devo fazer? Como impedir Nanette de ver seu sobrinho e colocar sua reputação em risco, jantando com ele em público?

— Se acha que a reputação dela será arruinada, o que dizer da sua?

Prunella voltou a corar, mas respondeu:

— Sou mais velha e completamente desconhecida em Londres; além do que, o senhor é... diferente.

— Em que sentido?

Não esperava pela pergunta e achou difícil responder. Confusa, tentou encontrar as palavras certas, e o conde disse, em tom de zombaria:

— Talvez também esteja me acusando de ser um caça-dotes?

— Não, claro que não!

— Tem certeza? Apesar de não ser tão rica como sua irmã, ainda é dona de uma casa enorme, das terras que estão em volta, e dispõe de renda considerável, grande parte da qual já foi gasta com a minha propriedade.

— Não quero falar a meu respeito. Prometeu que tentaria me ajudar a impedir seu sobrinho de dedicar tanta atenção a Nanette. Em vez disso, tornou a situação ainda pior.

— Convidei-o para se hospedar comigo, a fim de poder julgar por mim mesmo se as coisas que disse a respeito dele eram verdadeiras.

— E agora sabe que são?

— Acho que Pascoe não é o homem perigoso que você imagina.

— Mas é claro que ele é um perigo! Está tentando se casar com Nanette e ela está apaixonada. E como poderia não estar? Ele é bonito e tem o que Charity chama de "mel na língua"! Nanette está hipnotizada por ele, como acontece com um pássaro diante de uma serpente!

— Acho que as suas imagens não são lá muito corretas. Mas concordo com uma coisa: meu sobrinho tem mesmo "mel na língua"...

— E então, ainda acredita que ele ama Nanette e, não, o dinheiro dela?

— Acho que seria difícil para qualquer pessoa, incluindo você, Prunella, me enganar. O fato é que, quer goste ou não, Pascoe ama sua irmã tanto quanto é capaz de amar alguém e acho que ela sente o mesmo por ele.

— Se é o que pensa não me resta mais nada a dizer em relação ao assunto e gostaria de ir para casa.

— Mas é claro!

O conde pediu a conta e, quando se levantou, disse a Prunella:

— Quero que saia sem chamar a atenção de sua irmã.

Achou que ela ia discutir, mas a moça acenou com a cabeça e, colocando o xale em torno dos ombros, saiu do restaurante, sem olhar para os lados.

O conde a seguiu. Subiram na carruagem e andaram algum tempo em silêncio. Sentindo que estava sendo grosseira, Prunella disse:

— Agradeço por me levar ao teatro. Gostei mais do que posso lhe dizer e a minha noite só não foi perfeita por causa do que aconteceu . . . Depois.

— Achei que a peça devia ter lhe ensinado que é um erro tirar conclusões apressadas.

— Não pode comparar o que Otelo pensava sobre Desdêmona com o que sinto em relação a seu sobrinho.

— Se refletir bastante, acho que encontrará semelhanças.

Prunella não prestou atenção. Planejava o que iria dizer à irmã.

Nanette ignorava completamente que tinha sido vista. Prunella amava a garota e causava-lhe grande angústia saber que ela lhe mentira, não só uma vez, mas provavelmente, várias, desde que chegaram a Londres.

Onde teria ido na quarta-feira à noite, quando disse que jantaria com amigos?

Lembrou-se de outro dia, em que Nanette disse que tinha sido convidada para almoçar fora. Estava muito bonita e até mesmo radiante ao deixar o hotel. Claro que tinha ido ao encontro de Pascoe, mas por que não lhe dissera a verdade?

Prunella sabia a resposta, claro, mas disse a si mesma que, se a irmã fosse sincera, teria sido compreensiva e até mesmo concordaria com aquele encontro.

Agora sabia que tinha sido uma grande tola por não compreender que, se Pascoe estivesse em Londres, evidentemente procuraria por Nanette no hotel.

Devia ter desconfiado de que agiam às escondidas, pensou, com amargura.

Mergulhada em seus pensamentos, mal notou que haviam chegado ao hotel. Subiu para a suíte, quase sem perceber que o conde a acompanhava.

Foram para a sala de estar que ainda parecia sombria, apesar de iluminada por velas e um pequeno candelabro de latão.

Ainda ressentida com Nanette, Prunella atirou as luvas e o xale sobre uma cadeira e disse:

— O senhor tem que me ajudar! Conversarei com Nanette, mas é preciso que fale com o seu sobrinho.

— Sobre o quê?

— Diga-lhe que a deixe em paz. Poderíamos sugerir que não se vejam durante um ano. Assim, eu teria a chance de encontrar um novo interesse para ela. Esta, aliás, era a minha intenção, quando vim para Londres.

— Na realidade, o que você quer encontrar é outro homem. . . Acredita, realmente, que ela se apaixonaria tão depressa ou que você pudesse encontrar alguém tão atraente como Pascoe?

Ele estava sendo irônico e zombava dela, mas Prunella já não se importava mais.

— É preciso que me ajude! É preciso! Não permitirei que minha irmã faça um casamento desastroso, só porque tem dinheiro.

— Tem certeza absoluta de que seria desastroso?

— Claro que sim! Seu sobrinho perseguiu várias herdeiras, que conseguiram escapar à sua cobiça. Já cansei de dizer: é pelo fato de ser tão jovem que Nanette não consegue ver o que existe por trás da bela aparência de Pascoe.

— Você fala com muito ardor, Prunella, mas o melancólico de tudo isso é que se levanta contra algo maior do que você mesma.

Encarou-o, intrigada, e ele explicou:

— Refiro-me ao amor! Não sabe nada sobre ele. Como já disse, trata-se de algo irresistível e, como vimos hoje no teatro, é todo-poderoso e incontrolável.

— Aquilo que é encenado em um palco é muito diferente da vida real.

— Como sabe?

— Claro que é. O que vimos foi muito bem retratado, mas tratava-se de ficção. Esse tipo de coisa não acontece na vida de todos os dias.

— Mas como sabe?

— Não acontece porque não acontece.

— Se algum dia tivesse amado, Prunella, saberia que seu corpo pode se tornar o campo de batalha das sensações conflitantes. O amor pode transportá-la para um céu glorioso ou mergulhá-la nas profundezas do inferno.

— Agora está sendo dramático, mas sem o talento de Edmond Kean!

— Acho, Prunella, que você está me desafiando.

— Como assim. . . Desafiando?

Por estar concentrada em Nanette, não o havia encarado desde que deixaram o restaurante. Agora, percebia como estava diferente usando roupas novas.

Não era tão bonito como o sobrinho, mas tinha o ar irresistível de um pirata, o que se notava bastante naquele momento. Seus olhos eram penetrantes e, como estavam próximos, Prunella ficou subitamente consciente de como era alto e de como seus ombros eram largos.

Nunca tinha estado tão perto de um homem atraente. Aquilo provocava nela uma sensação estranha, que não conseguia compreender. O instinto lhe dizia que devia evitá-la.

Não conseguia desviar o olhar, sentindo que tudo o que tinham dito até então havia sido varrido de sua mente. Não havia nenhum outro problema, a não ser aquele homem. .

— Gostaria que viesse a Londres e alargasse seus horizontes, Prunella. Acho, porém, que ainda é muito cedo para saber se Londres pode fazer isso por você. Talvez seja preciso encontrar outra maneira de chegar ao mesmo resultado.

— Não sei. . . Do que está falando.

— Estou falando do amor e, é claro, de sua ignorância em relação a ele.

— Não me sinto envergonhada por ser ignorante a esse respeito, senhor conde. Principalmente, se o amor leva as pessoas a se comportarem de maneira falsa e decepcionante.

— E como você se comportaria nas mesmas circunstâncias?

— Faria o que parecesse direito.

— Você é muito positiva e também agressiva. Acho isso atraente, pois é completamente diferente de qualquer pessoa que conheci até hoje.

— Devo concluir, então, que conheceu gente muito estranha. . .

— Eram estranhos, sim, mas nenhuma dessas pessoas era tão bonita ou tão recatada como você.

Ele não tinha dado sequer um passo e, no entanto, Prunella tinha a desconfortável sensação de que o conde se encontrava mais próximo dela.

— Acho senhor conde, que. . .

Então, para sua grande surpresa, ele a tomou nos braços e seus lábios se encontraram.

Ficou atônita, sem conseguir esboçar um gesto.

Quando começou a se debater, o conde a segurou com mais força e seus lábios tornaram-se mais exigentes.

Prunella sentiu que ele a subjugava inteiramente e que era prisioneira daquela boca quente e possessiva, de um modo que não imaginava ser possível com um simples beijo.

Embora dizendo a si mesma que o que ele fazia era ultrajante e que o odiava por isso, uma sensação estranha despertava em seu íntimo, dominando todo o corpo e chegando à garganta e aos lábios. Era como uma onda morna invadindo-a lentamente. Tão estranha e, ao mesmo tempo, tão maravilhosa que, apesar de não querer, sentiu sua resistência diminuir. Rendeu-se àquele beijo, e todo o seu corpo se entregou.

Os lábios do conde eram ousados e exigentes, apaixonados e insistentes, mas, em vez de se sentir revoltada ou assustada, descobriu que se submetia a todas as suas solicitações com prazer.

Sentiu também como se o tempo tivesse parado e estivesse sendo transportada para um céu sem nuvens. Exatamente nesse momento, o conde mordeu de leve seus lábios. A dor foi tão inesperada e intensa que teve a sensação de que um raio a percorria inteira, sucedido por uma emoção indescritível, misto de enlevo e loucura. Parecia que tocava as estrelas.

Então, quando o êxtase tornou-se quase insuportável, o conde afastou os lábios.

Durante alguns instantes, Prunella não conseguiu pensar em nada. Deu um suspiro que vinha do coração e escondeu o rosto em seu largo ombro.

Ele não disse nada, mas apertou-a bem junto ao corpo e roçou seus cabelos com os lábios.

Mais tarde, Prunella não conseguiu lembrar quanto tempo ficaram assim. Sabia apenas que todo o seu ser lutava contra os sentimentos que ele havia despertado nela. Seu coração cantava e os olhos ainda estavam ofuscados pelo brilho das estrelas.

Ouviu o conde dizer:

— Agora compreende, meu anjo, o que venho tentando lhe explicar? Quando se casará comigo, para que eu continue a lhe dar aulas de amor?

A moça prendeu a respiração. Por um momento, achou que não tinha ouvido direito e que tudo não passava da sua imaginação.

Então, com um esforço quase sobre-humano, afastou-se dele.

— O que foi que disse?

— Case comigo. Pensando bem, meu amor, poderia haver algo mais conveniente? Afinal, você já se tornou parte do meu castelo.

— Acha realmente. . . Que eu me casaria com o senhor?

— Há alguma razão para não o fazer?

— Claro que não posso me permitir uma coisa dessas!

— Por que não?

— Como posso fazer algo que dê a Nanette motivos para pensar que aprovo a maneira como está se comportando?

— Não estou preocupado com Nanette, mas conosco — comigo e com você, Prunella. Apesar de talvez não concordar comigo no momento, seríamos muito felizes.

Sentindo-se absolutamente sem forças, ela sentou-se em uma cadeira.

— Por favor. . . Não posso conversar sobre isso. . . Agora. . .

O conde ficou admirando Prunella. Sabia que ela não tinha a menor idéia do quanto estava linda naquele momento, com os olhos ainda banhados pelas emoções, o rosto afogueado e os lábios rubros e ardentes, de seu beijo.

— Conversaremos amanhã. Agora, vá dormir e sonhe com aquilo que a fiz sentir ainda há pouco.

Aproximou-se, tomou-lhe a mão e beijou-a. Sentiu que ela estremecia e, no momento em que seus olhares se cruzaram, disse, com sua voz profunda e musical:

— Eu a amo! Não se preocupe com mais nada, pense apenas no que este momento significou.

Soltou sua mão e caminhou até a porta, sem olhar para trás. Assim que partiu, Prunella deu um suspiro de desalento e escondeu o rosto nas mãos.

Prunella só conseguiu dormir quando amanhecia e despertou muito tarde.

Tudo o que havia pensado e sentido na noite anterior voltou com intensidade. Mais uma vez, disse a si mesma que o que havia acontecido entre ela e o conde era inconcebível, inacreditável e, sem dúvida, devia fazer parte da sua imaginação!

A verdade, porém, é que tudo aquilo acontecera realmente.

Ele a beijara, despertando nela sensações que não imaginava pudessem existir. Tinha que reconhecer que eram maravilhosas. Mas aquela intimidade jamais devia voltar a acontecer. O fato de o conde tê-la pedido em casamento era espantoso demais para ser verdade.

Sabia o que ela sentia a seu respeito, antes de virem a Londres! Sabia que estava chocada com o seu comportamento no passado e pelo fato de ficar ausente de casa durante quase quinze anos. Se não percebia que ela o desprezava por ter vendido os quadros de Van Dyke, então, devia ser muito mais insensível do que parecia.

Mas é claro que ele sabia, e talvez a tivesse desafiado de propósito, só porque lhe pedira para não vendê-los.

Tudo aquilo, que na verdade dizia respeito unicamente a ela, não tinha importância, em comparação com o resto. Se aceitasse a proposta do conde, não haveria a menor possibilidade de impedir Nanette de se atirar nos braços de Pascoe, arruinando sua vida para sempre.

— Não devo voltar a vê-lo — disse a si mesma. No entanto, como poderia deixar de recordar tudo aquilo que ele a fizera sentir?

O êxtase que experimentara não era deste mundo. Tentou armar-se instintivamente contra aqueles sentimentos.

— Preciso partir com Nanette — murmurou na escuridão, imaginando por que era tão difícil tomar tal decisão.

A luz da manhã entrava tenuemente pela cortina, e ela disse a si mesma que precisava ser forte.

Primeiro censuraria Nanette por seu comportamento na noite anterior e pelas mentiras que contara. Precisava pensar em uma maneira de impedir a irmã de encontrar Pascoe. Ela também não devia mais voltar a ver o conde.

Não havia tempo a perder, e levantou-se rapidamente. Pôs um vestido muito bonito que Nanette a obrigara a comprar, de seda entremeada de rendas e fitas de veludo.

Afastou as cortinas. Chovia, e o céu cinza era bem o símbolo da tarefa que tinha à sua frente.

Penteou os cabelos e foi até o quarto de Nanette.

A garota estava sentada na cama, terminando de tomar o café da manhã que lhe tinha sido trazido em uma bandeja.

— Bom dia, Prunella. Charity me contou que você ainda dormia. Não costuma se recolher tarde. Sente-se bem?

— Não estou doente, mas preocupada. Onde esteve ontem à noite e com quem?

— Já lhe disse. . . — Ao notar a expressão de Prunella, exclamou: — Oh, você já sabe!

— Eu a vi!

— Viu? Como?

— Estava jantando no mesmo restaurante onde vocês foram.

— Meu Deus! Eu não a vi. Com quem estava?

— Com o conde. Mal consegui acreditar, Nanette, quando a vi entrar com o sobrinho dele. Não entendi como você pôde me enganar, mentindo daquela maneira.

— Sinto muito, querida, mas você bem sabe a confusão que teria criado, se eu lhe dissesse que ia sair com Pascoe. Precisava vê-lo a todo custo! Além do mais, já não suportava aqueles jantares monótonos com os nossos conhecidos e não conseguia mais ouvir minha madrinha repetindo os mesmos mexericos sobre as pessoas de sempre. Sua conversa não muda jamais.

— Não mude de assunto. Estávamos falando sobre o seu comportamento e o modo como você me enganou.

— Sei que está zangada, mas tente compreender que amo Pascoe e que pretendo me casar com ele.

— Vai ler que passar por cima do meu cadáver! Quero deixar algo bem claro de uma vez por todas, Nanette: não se casará com Pascoe. Se insistir, terá que esperar até completar vinte e um anos. Isto quer dizer mais três anos.

Notou que a irmã ficava muito pálida e continuou :

— Duvido muito que ele espere tanto tempo. Há muitas outras herdeiras à disposição. . .

— Como pode ser tão cruel comigo?

— Apesar de não acreditar, preocupo-me apenas com a sua felicidade. Pascoe e o tio não são pessoas de confiança e não quero mais saber de relações com nenhum dos dois.

— E como pretende conseguir isso? Como pode evitar ver o conde, sabendo que ele mora ao lado? Como não ver Pascoe, se ele se hospeda no castelo?

— Muito simples: não voltaremos para casa!

— Como assim?

— Tomei uma decisão: vou levá-la para a estação balneária de Bath, onde vai muita gente nesta época do ano. Lá terá oportunidade de conhecer um homem muito mais aconselhável para marido do que o que escolheu.

— É impossível! — disse Nanette.

Mas Prunella continuou, como se não a tivesse ouvido.

— Se Bath não der certo, então podemos pensar em ir para a França. . . a Paris. . .

Nanette olhou para a irmã, sem acreditar no que ouvia.

— Acho que você enlouqueceu! Por que essa insistência em me arrastar mundo afora? Acha que com isso esquecerei Pascoe? Pois saiba que está muito enganada! Jamais o esquecerei! Eu o amo e pretendo me casar com ele, diga você o que disser.

— Muita coisa pode acontecer em três anos. . .

Sentindo que não havia mais nada a dizer, saiu do quarto. Quando acabou de se vestir, mandou que Charity fosse à recepção e pedisse ao gerente do hotel que viesse conversar com ela.

O homem atendeu imediatamente.

— Quero lhe falar, Sr. Mayhew.

— Pois não, Srta. Broughton. Espero que não tenha queixas a fazer quanto a conforto de seu quarto ou em relação ao serviço do hotel.

— Claro que não. O senhor fez o que foi possível por mim e por minha irmã. Quero que me arranje um criado e uma condução que nos leve a Bath.

— A Bath, Srta. Broughton?

— Decidimos ir lá por alguns dias. Não tive tempo de fazer reservas e quero que o criado nos leve a algum hotel tranquilo e respeitável, onde tenhamos o mesmo tipo de acomodação que o senhor nos ofereceu.

— Claro, Srta. Broughton. Será um grande prazer servi-la. Espero que seja possível encontrar um criado, bem como carruagem e cavalos, se bem que a senhorita me previne em cima da hora. Farei o que estiver a meu alcance e espero que possam partir amanhã por volta das dez horas.

— Muito obrigada, Sr. Mayhew. É extremamente gentil. Se meu pai estivesse vivo, agradeceria todo o cuidado que tem conosco.

— O que a senhorita acaba de dizer me toca profundamente.

O gerente retirou-se e Prunella foi procurar Charity.

Quando lhe comunicou sua intenção, a velha senhora mostrou-se mais do que surpresa.

— Deus tenha pena de nós! Mas afinal, o que está acontecendo?

Quanta novidade! Já nem sei mais o que pensar! Ir a Bath! E por que não voltamos para casa?

— Você bem sabe a resposta. A Srta. Nanette continuará vendo o Sr. Lowes, e estou decidida a impedir que isso aconteça.

Achou que Charity ia discutir com ela, mas a criada afastou-se, resmungando. Prunella abriu o guarda-roupa, à procura de um chapéu, luvas e guarda-chuva.

Alguns de seus vestidos novos ainda não tinham sido entregues. Precisava deles ainda naquele dia.

Pensou que, àquela altura, Nanette já deveria estar vestida, e, quando foi a seu quarto, Charity estava lá, mas sozinha.

— Onde está a Srta. Nanette?

— Na portaria do hotel.

— Isso significa que está mandando um bilhete ao Sr. Lowes — disse Prunella, mordendo o lábio. — Por que não a impediu de descer, Charity? Você sabe muito bem que não permito semelhante coisa!

— A Srta. Nanette já é uma moça, Srta. Prunella, e de nada adianta tratá-la como se fosse criança. Tem vontade própria, e, se a tratar com muita dureza, vai se arrepender.

— Não seja ridícula, Charity! A Srta. Nanette está se comportando muito mal e é algo que não admito!

Ao mesmo tempo, sentiu um aperto no coração, ao pensar no que faria. Se Pascoe, ficasse sabendo de seu destino, certamente iria atrás de Nanette, em Bath. Nesse caso, teriam fugido inutilmente.

Ocorreu-lhe, então, uma idéia brilhante e admirou-se de não haver pensado nela antes.

Havia comunicado a Nanette, Charity e ao gerente do hotel que iriam a Bath. No último momento, mudaria de planos e, em vez de Bath, iriam para Cheltenham.

Havia lido nos jornais que, naquela época do ano, muitos turistas se reuniam em Cheltenham para assistir às corridas de cavalo e tomar água das fontes. Segundo os jornais, os bailes a que o duque de Wellington comparecia e o Teatro Real, onde a grande atriz, a Sra. Siddons, havia se apresentado, comparavam-se com o que havia de melhor em Londres.

Iremos pois a Cheltenham, pensou, com um sorriso vitorioso. Pascoe nunca descobriria onde estavam; bastava impedir que as cartas de Nanette chegassem até ele.

O conde havia falado de um desafio. Muito bem, ela provaria que, nesse caso, seria a vencedora.

Por um breve momento, recordou o enlevo e o ardor de seus beijos, bem como as estranhas sensações que ele lhe despertara e que ela não imaginava existirem.

Concluiu que o que sentia ou deixava de sentir não tinha a menor importância diante de seu dever, que era salvar Nanette.

Muito bem, salvaria a irmã sem a ajuda do conde. Tinha o pressentimento de que Cheltenham resolveria seus problemas, pois aquela idéia surgira quase como uma inspiração.

— Mostrarei ao conde que sou mais esperta do que ele!

Quantos quadros de Van Dyke teria vendido para comprar as roupas novas que lhe davam aquela aparência tão bem cuidada?

Prunella e Nanette tinham sido convidadas para almoçar por um juiz, velho amigo de seu pai.

Assim que chegaram a Londres, Prunella escreveu a sir Simeon Hunt, pedindo-lhe que passasse pelo hotel.

Como esperava, o juiz respondeu, dizendo que sentiria imenso prazer em recebê-las em sua residência.

Apesar de Nanette estar pálida e um tanto silenciosa, não fez o menor comentário depois que Prunella regressou ao hotel, após visitar várias lojas em Bond Street.

— Acho, meu bem, que você não deve se lembrar de sir Simeon Hunt. Trata-se de um senhor muito distinto, e papai costumava dizer que era uma das maiores inteligências de nossos tribunais.

— Que interessante! — O tom de Nanette mostrava claramente que não estava nem um pouco interessada.

A reunião não foi tão aborrecida como a garota esperava, pois sir Simeon havia convidado, não só seu filho e a nora, mas também três netos, que eram moços, solteiros e apenas pouco mais velhos do que Nanette.

Ela se divertiu e flertou com eles, enquanto Prunella ouvia o velho juiz recordar seu pai e o quanto haviam se divertido quando estudavam juntos em Oxford.

Fizeram várias compras à tarde, e, quando se aproximava a hora do jantar, Prunella ficou à espera de que Nanette inventasse uma mentira que lhe permitisse ir ao encontro de Pascoe. Em vez disso, ela disse:

— Estou com dor de cabeça e vou dormir mais cedo. Podemos jantar às sete?

— Claro, meu bem. Seria bom que todas nós nos recolhêssemos, pois temos uma longa viagem pela frente.

Após uma refeição ligeira, feita na sala de estar, Nanette disse a Prunella:

— Sinto muito que esteja zangada comigo e que a tenha decepcionado. Sei que sempre me amou e que, de certa maneira, tentou tomar o lugar de mamãe. Sinto-me muito e muito grata!

Prunella ficou tão comovida, que seus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu a amo, Nanette, e tudo que faço é na esperança de vê-la feliz.

— Eu sei, e também a amo. — Beijou a irmã e foi para o quarto.

Prunella fez o mesmo e, assim que se deitou, pensou que tinha razão, ao imaginar que Nanette havia se comunicado com Pascoe. Com certeza, lhe dissera que ia para Bath e ele, sem dúvida, prometera segui-la.

— Aquele caça-dotes vai ter a maior surpresa, ao descobrir que o enganei.

Então, ficou imaginando o que o conde acharia de tudo aquilo. Mal conseguia acreditar que a tivesse pedido em casamento. Ocorreu-lhe, subitamente, que estar casada com ele poderia ser maravilhoso. Forçou-se a não pensar no êxtase que sentira.

— Preciso pensar só em Nanette. . . Nanette. . . Nanette!

Acabou finalmente mergulhando em um sono intranquilo, sonhando que tentava fugir do conde e não conseguia.

CAPÍTULO VII

Prunella abriu as cortinas do quarto antes que Charity viesse despertá-la. A manhã estava ensolarada, e teve a sensação de que dava um passo em direção ao desconhecido. Não tinha a menor idéia do que podia acontecer dali em diante.

Não fazia sentido ela e Nanette percorrerem o mundo com o único objetivo de evitarem aqueles dois homens. Mas sabia que tinha que cumprir seu dever; isto é, impedir a irmã de se casar com um mero caça-dotes.

Vestiu-se rapidamente, esperando ouvir a qualquer momento Charity bater à sua porta.

Quando ficou pronta, não parou para admirar o novo vestido diante do espelho; atravessou depressa a sala de estar, em direção ao quarto de Nanette.

Entrou e encontrou as cortinas ainda fechadas. Para sua grande surpresa, Charity estava sentada em uma cadeira, chorando.

— Que foi? O que aconteceu? — perguntou e, olhando para a cama, verificou que estava vazia.

— Ela se foi. . . Srta. Prunella. . . E eu. . . Nunca me perdoarei! — disse a criada, soluçando.

— O que você está dizendo?

Então, notou que havia um bilhete sobre o travesseiro.

Abriu-o, prevendo o que estava escrito.

"Minha querida Prunella.

"Perdoe-me. Sei que ficará zangada, mas Pascoe e eu fugimos para nos casar. Iremos para a França. Pascoe disse que lá não nos farão perguntas incômodas e indiscretas, e passaremos a lua-de-mel em Paris.

"Quando voltarmos, perdoe-me, por favor, pois a amo.

Nanette."

Assim que acabou de ler, Prunella teve a sensação de que havia se transformado em uma estátua de pedra. Voltando-se para Charity, acusou-a:

— Você estava a par de tudo isso!

— Eu devia tê-la prevenido, Srta. Prunella, mas ela teria ido embora de qualquer maneira. Como a senhorita poderia impedir?

Prunella fez um grande esforço para se controlar e perguntou, com toda calma:

— A que horas ela partiu?

— Por volta das sete. Ouvi barulho, vim ver e ela já estava vestida, ordenando a um criado do hotel que levasse a bagagem para a portaria.

— Sete horas!

Prunella calculou quanto tempo Nanette e Pascoe levariam para chegar ao porto de Dover. Concluiu que havia apenas uma pessoa que poderia ajudá-la: o conde. Ele poderia alcançá-los a tempo. . .

Então, como se tivesse recebido um golpe doloroso, lembrou-se de que não sabia onde ele se encontrava.

— Tem alguma idéia de onde o conde se hospeda em Londres, Charity?

— No palácio dos Winslow!

— No palácio dos Winslow? Como é possível? E como é que você sabe?

— O criado que trazia um bilhete para a Srta. Nanette todas as manhãs foi quem me contou. Oh, senhorita! Nunca me perdoará! Devia ter lhe contado, mas isso deixava sua irmã tão feliz!

As lágrimas rolaram pelo rosto de Charity.

Prunella voltou para seu quarto. Enfiou um chapéu às pressas, pegou a bolsa e desceu para a portaria.

— Quero uma carruagem — ordenou. — Diga ao cocheiro que me leve ao palácio dos Winslow, em Berkeley Square.

— Muito bem, senhorita.

Alguns minutos mais tarde, estava a caminho. Achava difícil acreditar que o conde estivesse hospedado no palácio, que havia sido fechado, desde que o último conde se sentira doente e velho demais para visitar Londres.

Ficou imaginando se lá também haveria velhos criados que não recebiam pagamento ou se o lugar se estragara sem que ninguém tivesse tomado conhecimento.

Então, lembrou-se de que a única pessoa com quem devia se preocupar naquele momento era Nanette.

O palácio não ficava muito longe. Quando desceu da carruagem e tocou a campainha, a porta foi aberta por um criado, que ficou muito surpreso com uma visita tão cedo.

— Quero ver o senhor conde!

— Ele está à sua espera, minha senhora?

— Não, mas diga-lhe que a Srta. Broughton está aqui e que é muito urgente.

— Siga-me, por favor.

Foi conduzida através de um vestíbulo todo forrado de mármore. Para sua grande surpresa, os criados estavam impecavelmente vestidos com a libré da família Winslow e um deles abriu a porta da sala de visitas.

O mobiliário era imponente e muito valioso. Nas paredes, havia quadros com molduras douradas, mas as cortinas e o brocado das cadeiras e do sofá estavam um tanto gastos e desbotados.

Deve haver tesouros naquela casa!, pensou Prunella, perguntando-se se o conde os venderia também.

A porta se abriu e, quando ele entrou, ela não pôde impedir seu coração de disparar.

Estava muito elegante e em seus olhos havia um brilho maroto que a fez lembrar-se do que sentira, quando ele a beijou.

— Bom dia, Prunella! O que a traz aqui tão cedo?

Esforçou-se para contar tudo com frieza. Depois, entregou-lhe a carta de Nanette, acusando-o:

— Tudo isso é culpa sua!

O conde leu a carta e disse, com um sorriso:

— Pelo menos, Pascoe está lutando pelo que deseja!

— Se este é o seu único comentário, saiba que o considero extremamente repreensível!

— Sei que está zangada, mas eles assumiram suas vidas e não há nada que possamos fazer.

— Não é bem assim. Preciso de sua ajuda.

— Como?

— Eles devem levar umas seis horas para chegar até Dover. Se não me engano, partem para a França dois navios por dia, um pela manhã e um à tarde.

— Então, tentará impedi-los de tomar o navio da tarde?

— Sim!

— E quer que eu a leve até Dover?

— Acho que seus cavalos fariam o percurso com grande rapidez.

— Muito bem. Ordenarei a meu cocheiro que passe por seu hotel dentro de uma hora.

— Por que devo esperar uma hora?

— Tenho que tomar certas providências antes de partir de Londres. Além do mais, ainda não tomei o café da manhã.

Prunella sentia-se à beira do desespero, mas sabia que não ganharia nada discutindo com ele.

— Muito bem. Voltarei para o hotel e levarei comigo uma valise, caso Nanette e eu tenhamos que pernoitar em Dover.

O conde deu um leve sorriso e acompanhou-a até o vestibulo. Lá chegando, perguntou:

— Não quer esperar, enquanto mando buscar a minha carruagem?

— Estarei esperando impacientemente no hotel, senhor conde. Como sabe, temos que chegar a Dover antes que o navio da tarde parta.

— Não esquecerei.

O conde ficou parado na porta, vendo Prunella se afastar.

Ela não se voltou para saudá-lo, mas olhou firme em frente. O conde voltou para o vestibulo e começou a dar ordens.

Uma hora e dez minutos depois, a carruagem dele, puxada por dois magníficos cavalos baios, parou diante do hotel.

Em qualquer ocasião, Prunella não só teria admirado aqueles animais, como teria ficado intrigada em saber como ele os teria comprado. No entanto, estavam atrasados e ela só se preocupava em partir o mais rápido possível. Precisavam alcançar Dover antes que Nanette embarcasse para a França.

Se não chegassem a tempo, não haveria a menor possibilidade de impedir a irmã de se tornar mulher do homem a quem desprezava.

A pequena valise foi colocada na parte de trás da carruagem e Prunella acomodou-se ao lado do conde.

— O que devo fazer? Para onde irei, Srta. Prunella? — Charity perguntou.

— Espere aqui com a minha bagagem até eu voltar.

Não disse mais nada e, apesar de querer censurar a velha por ter ajudado Nanette a fugir, teve pena dela. De que adiantava deixá-la ainda mais perturbada?

O conde guiava esplendidamente. Os cavalos eram espertos e fogosos, e, em breve, deixavam Londres para trás.

Andaram durante muito tempo em silêncio, até que Prunella comentou :

— As estradas estão desimpedidas. Não há tanto trânsito como eu esperava.

— Quando se tem pressa, é sempre melhor evitar as estradas principais.

Ela não respondeu. Não queria distraí-lo; cada segundo contava.

Por volta do meio-dia, o conde parou diante de uma estalagem pequena, mas convidativa.

— Por que estamos parando?

— Sinto fome e tenho certeza de que você também sente. Além do mais, é aqui que trocamos de cavalos.

— Então, tem cavalos aqui? — perguntou, muito surpresa.

— Sim.

Ele não estava nada comunicativo, e Prunella achou que aquilo não passava de mais uma extravagância desnecessária.

Sabia, no entanto, que os senhores elegantes mantinham cavalos nas estalagens e hospedarias das estradas principais.

A moça foi levada a um quarto no andar de cima, onde se refrescou. Ao descer, um criado a conduziu a uma saleta onde o conde já estava à sua espera. O almoço, aliás, delicioso, foi servido quase imediatamente.

Comeram em silêncio durante algum tempo, até que o conde disse, com um sorriso:

— Foi grosseria de minha parte não lhe ter dito antes que está muito bonita.

Olhou-o, espantada, pois estava longe de esperar aquele elogio. Quando seus olhares se cruzaram, ela corou.

— Não tive tempo de pensar em mim.

Queria que a sua resposta soasse fria e impessoal, mas na realidade pareceu tímida e não conseguiu continuar a encarar o conde.

— Mas eu tive tempo de pensar em você. Mais tarde, quando não estiver tão agitada, gostaria de conversar a respeito de nós dois.

— Não. . . Por favor. .

— Por que não? Apesar de querer a felicidade de sua irmã, não é com ela que me preocupo e, sim, com você.

— Mas não devia. . .

— Por que não?

— Porque tenho que cuidar de Nanette. . . e isto significa que temos que nos afastar de nossa casa. . . Tudo isto aconteceu porque ontem eu lhe disse que íamos para Bath e, talvez, para Paris. Ela deve ter escrito imediatamente a Pascoe e planejaram a fuga.

— Foi exatamente o que aconteceu.

Prunella caiu das nuvens. Olhou para o conde e gritou:

— Sabia que eles iam fugir?!

— Digamos que sabia por alto.

— E por que não os impediu? Por que não me contou?

— Porque Pascoe é homem. Deve tomar suas decisões e é preciso notar que ele é meu sobrinho, não, meu filho.

— Mas o senhor podia ter pensado em mim!

— Pensei em você, sim, e mais tarde lhe direi o quanto. . . Agora, precisamos nos pôr a caminho.

— Sim, é claro.

Enquanto colocava o chapéu, Prunella dizia a si mesma que estava indignada com o conde por ele não ter tomado uma atitude mais positiva em relação aos fugitivos.

No entanto, o ódio que sentira por ele no passado já não existia.

Conseguia pensar apenas na expressão de seus olhos e naqueles lábios que sorriam e que a tinham beijado. . .

O novo par de cavalos parecia ainda mais rápido do que o anterior.

Como ele faz para conseguir animais tão maravilhosos?, pensou Prunella.

Andavam depressa demais para que ela fizesse perguntas. Seguiram por uma estrada estreita e sem movimento. Subitamente, o conde freou e pararam à sombra de uma árvore muito frondosa.

Prunella olhou-o, espantada.

— Por que paramos agora?

— Preciso lhe dizer algo.

O modo como falava deixou-a apreensiva.

— Você acha que estamos a caminho de Dover, mas na verdade, estamos a apenas duas horas de casa.

Durante alguns momentos, Prunella teve a impressão de que não havia ouvido direito.

— De casa? — perguntou, gaguejando.

— Sim, sua casa, que é também a minha. O castelo. . .

— Mas quero ir para Dover, atrás de Nanette! Como ousa não me levar para lá, como prometeu?

— Não prometi nada. Você me deu ordens e presumiu que eu a obedecia.

— Mas tenho que deter Nanette!

— Se conseguisse, acho que estaria cometendo um grande erro.

— Mas como pode dizer uma coisa dessas?

— Acredito, com toda a sinceridade, que Nanette e meu sobrinho são feitos um para o outro. Terão que lutar para colocar em ordem as propriedades de Pascoe, assim como terão que lutar para se casar. Acho que será muito bom para ambos

— O senhor não sabe o que está dizendo!

— Sei sim. Da mesma forma que sei o que é melhor para você, minha querida, apesar de talvez não concordar comigo.

Prunella sentiu um arrepio percorrer-lhe todo o corpo.

— Além do mais, estamos a caminho de casa. Como não posso levá-la para o castelo sem uma dama de companhia, decidi que precisamos nos casar. . .

— Casar?

— A um quilômetro daqui existe uma igreja onde o pastor está à nossa espera. Não adianta se enfurecer comigo, Prunella. Eu a amo, e, embora queira negar, sei que me ama. Tirei uma licença especial e vamos nos casar imediatamente.

Durante um momento, ela não conseguiu dizer nada, mas logo se recuperou.

— Claro que não! Como pode imaginar semelhante coisa?

O conde estendeu a mão e, segurando seu queixo, obrigou-a a encará-lo.

— Olhe para mim. Olhe nos meus olhos e jure, por tudo quanto é sagrado, que não me ama e que meu beijo não significou nada para você, apenas aumentando o desprezo e o ódio que sentia por mim.

Prunella queria se rebelar, mas era impossível.

Seus olhos se encontraram, e não conseguiu mais lutar. Sentiu como se o mundo inteiro desaparecesse. Não havia mais nada, a não ser os olhos daquele homem e um êxtase estranho que se apoderava de todo o seu ser, como na noite em que ele a beijara.

Durante alguns instantes, não se moveram. Então, o conde disse, muito calmamente:

— Você me pertence, meu amor.

Tomou-a pela mão e continuaram a viagem.

Profundamente perturbada e sentindo como se o mundo tivesse desabado à sua volta, Prunella não conseguiu dizer mais nada, até se ver diante de uma pequenina igreja de pedra. Havia um homem parado na porta. Era Jim.

O conde deteve os cavalos, desceu da carruagem e ajudou-a a desembarcar. Então, quando menos esperava, Prunella segurou a mão dele com firmeza, como se procurasse ali a força de que precisava.

— Pretende, realmente, fazer o que disse?

— Pretendo torná-la minha esposa.

Prunella deu-lhe o braço. Descobriu que a vontade a abandonara, e, totalmente incapaz de pensar no que devia fazer, sentiu-se inteiramente dominada por ele.

O conde a conduziu pela pequena alameda que levava até a igreja. O templo era muito antigo e silencioso. Caminharam até o altar, onde o pastor os esperava.

Mais tarde, Prunella só conseguia pensar que uma estranha havia possuído seu corpo, uma estranha havia dito "sim" na cerimônia de casamento, uma estranha havia ajoelhado ao lado do conde, enquanto o pastor os declarava marido e mulher, abençoando-os.

Então, sem se falarem, voltaram para a frente da igreja.

Decorridos alguns instantes, ela começou a reconhecer a região. Como pôde ser tão tola, imaginando que iam para Dover, quando, na verdade, viajavam na direção oposta? Quando iam para casa?

Sabia que aquela palavra passara a ter um significado completamente diferente. Não era para a sua casa que o conde a levava mas para o castelo.

Pareceu-lhe igualmente que sonhara a vida inteira com aquilo. Um dia, o castelo lhe pertenceria, ela o amaria, cuidaria dele e, apesar disso parecer quase impossível, ela lhe devolveria a grandeza perdida.

Ao mesmo tempo, tinha plena consciência da presença do conde. De agora em diante levava seu nome, ele a beijara e dissera que a amava.

Sabia que ele tinha razão ao dizer que também o amava, apesar de tentar lutar contra esse sentimento. Preferia morrer a confessar o seu amor.

Mas era o fato de estar apaixonada por ele que a fazia odiar Londres e sentir falta de sua companhia, era o seu amor que a fazia querer ouvir sua voz e ver o sorriso em seus lábios, além daquele brilho misterioso em seu olhar, quando a olhava

Eu o amo, mas ele não tem o direito de se casar comigo dessa forma! Pensou.

No entanto, só a sua mente protestava, pois era convencional proceder assim. Sabia que o seu coração exultava, e um sentimento de exaltação que crescia, toda vez que o olhava.

Finalmente, mais depressa do que esperava, atravessaram os bosques familiares, os campos ondulados e os povoados situados a apenas alguns quilômetros de Little Stodbury.

Deixaram para trás a praça da aldeia, a alameda que conduzia até a sua casa, e entraram no parque do castelo. Lá estava o enorme prédio com suas janelas brilhando ao sol da tarde, que punha reflexos dourados em tudo.

O conde deteve a carruagem diante dos degraus de pedra.

Como se estivessem à sua espera, dois criados indianos surgiram na porta. O conde entregou as rédeas a um deles e foi ajudar Prunella a descer.

A jovem estendeu-lhe a mão, mas, para sua grande surpresa, ele a tomou nos braços, subiu os degraus e entrou no castelo.

Colocou-a no chão só quando chegaram ao grande vestíbulo. Disse, então, com ternura:

— Seja bem-vinda à sua casa, meu amor!

O modo como falava era uma carícia. Tímida, Prunella voltou-se para a escada. Ele avisou:

— O quarto da rainha foi preparado para você.

Prunella ficou atônita. Como era possível uma coisa dessas? Como sabiam que eles iam se casar? Os criados estavam por perto, e ela se limitou a subir a escada, sentindo como se estivesse em meio a um sonho do qual era impossível despertar.

Conhecia muito bem o quarto da rainha e o amava. Era um dos aposentos principais do castelo, e ela o mantinha sempre limpo e arejado porque era belíssimo.

Ficava ao lado dos aposentos principais, os do senhor do castelo. Ambos davam para o lago e para o jardim coberto de roseiras.

Abriu a porta e, para sua enorme surpresa, constatou que o quarto, do qual a mobília principal era uma grande cama esculpida com anjinhos e coberta por uma grande colcha de seda azul, não estava vazio.

Charity lá se encontrava, desfazendo as malas.

— Charity!

— Está surpresa por me ver, Srta. Prunella? Ou devia dizer senhora condessa?

— Mas. . . Então, você sabe? Como é possível?

— Assim que partiram, os criados do senhor conde chegaram com uma carruagem puxada por seis cavalos. Pense nisso, senhora condessa! Nunca em minha vida viajei em nada parecido!

— Charity. . . Charity! Não sei o que dizer!

— E nem há necessidade. Agora, deve mudar de roupa.

Charity dirigia-se a ela com o mesmo tom autoritário que usava quando Prunella não passava de uma colegial.

— Tire esse vestido empoeirado e coloque um dos novos. Caso contrário, o senhor conde se arrependerá de ter se casado!

A moça deu uma risada, mas estava à beira das lágrimas.

Como era possível que aquilo estivesse acontecendo com ela? Como era possível estar no quarto da rainha, com Charity chamando-a de "senhora condessa"?

Haviam chegado mais tarde do que pensava, e, enquanto a velha a ajudava a despir-se, o conde mandou um recado, dizendo que ela deveria repousar até a hora do jantar, que seria servido às sete e meia.

— Esta sim é uma atitude sensata! — comentou Charity. O descanso há de lhe fazer muito bem, depois de ter ficado acordada quase a noite inteira, preocupada com a Srta Nanette.

— Ainda estou preocupada Oh, Charity, ela não devia ter fugido para a França para se casar com o Sr. Lowes. Sei que jamais acreditará em mim, mas nunca vi duas pessoas tão apaixonadas como eles

— Acha mesmo?

— Pois então acredita que sou capaz de mentir? Como não haveria de querer a felicidade de minha menina?

Não havia como responder, Prunella deitou-se. Assim que Charity puxou as cortinas, ela fechou os olhos.

Tinha a sensação de que, quando despertasse, descobriria que estivera sonhando. Não se encontraria no castelo, mas em sua pequena cama de solteira.

Mas não era em nada daquilo que pensava, no momento em que adormeceu e sim, nos olhos do conde. . .

O jantar terminou. Tinha sido marcado por silêncios inexplicáveis, misturados com risos e momentos de timidez, durante os quais Prunella sentia ser impossível enfrentar o olhar do marido.

Mais do que nunca, ele tinha aquele brilho malicioso no olhar e estava extremamente elegante em seus trajes de noite.

Percebeu que os criados indianos haviam usado a mais fina prataria do castelo para arrumar a mesa.

Os candelabros davam um brilho dourado ao ambiente, e Prunella sentiu como se ambos estivessem tomando parte de um espetáculo no qual ela desempenhava o papel principal, mas sem ter certeza de como terminaria o terceiro ato.

Os criados retiraram-se discretamente e ela perguntou:

— O que você fazia na Índia?

— Trabalhava. Algum dia lhe contarei tudo, mas, no momento, só consigo pensar em você.

Seu jeito de falar fez Prunella corar, e ele a achou a mulher mais linda e encantadora do mundo.

— Você é tão jovem, meu bem, tão fresca e virginal. . . Não acreditava que pudesse existir alguém como você neste mundo cheio de vaidades e tolas seduções.

— É o mundo que você conhece. . . E aprecia. . . Receio que me ache um tanto. . . Aborrecida.

— Ensinar-lhe tudo a respeito das coisas que me interessam é algo que me excitará mais do que posso lhe dizer.

Notou que Prunella havia ficado intrigada e acrescentou:

— Estou falando a respeito do amor, minha linda esposa!

Prunella corou novamente e se levantou.

— Não quer ficar tomando seu cálice de Porto sozinho?

— Não quero Porto e, muito menos, que você me deixe agora ou em qualquer outra ocasião! Venha, tenho algo a lhe mostrar.

Estendeu-lhe a mão e, quando Prunella a segurou, sentiu que a moça tremia.

Saindo da sala de jantar, percorreram o corredor, atravessaram o vestibulo e subiram a escada.

Prunella adivinhou para onde ele a conduzia e sentiu um súbito desejo de implorar-lhe para não estragar o encantamento da primeira noite que passariam juntos.

Sabia que ele ia lhe mostrar a galeria de retratos, explicar por que tinha vendido as telas de Van Dyke e pedir que o perdoasse.

Tinha que responder que compreendia e que não se importava, pensou.

Apesar de não ter consciência do fato, seus dedos enrijeceram e todo o seu corpo ficou tenso.

A porta da galeria estava fechada. Enquanto o conde girava a maçaneta, Prunella fechou os olhos.

Por que fazia aquilo com ela, na primeira noite que passavam no castelo? Por que estragava aquela imensa felicidade que sentia e que aumentava a cada minuto, transformando-se em um grande amor?

— Aí está o que queria lhe mostrar, meu anjo.

Contrariada e com vontade de fugir, Prunella forçou se a olhar.

Durante alguns instantes, pensou que tinha ido ao lugar errado e que estava em uma parte do castelo que não conhecia.

Deu um grito abafado e percebeu que o conde a observava com um sorriso nos lábios.

Os três grandes lustres que pendiam do teto estavam feericamente iluminados e revelavam as paredes pintadas de um belo tom de vermelho, fundo perfeito para os quadros de Van Dyke, com suas esplêndidas molduras douradas.

Prunella sabia que aquela cor tinha sido originalmente escolhida pelo próprio Inigo Jones.

As cortinas haviam sido trocadas e eram de brocado branco e dourado.

Os quadros pareciam luzir como jóias preciosas, e ela não conseguiu dizer nada, achando que tudo aquilo era irreal.

— É um dos presentes que lhe faço, meu amor — disse o conde, com ternura.

Voltou-se para encará-lo e os braços do conde a enlaçaram.

— Não compreendo. . . Como foi fazer uma coisa dessas? Como conseguiu tamanha perfeição?

— As obras foram feitas com muita rapidez, só para agradá-la. Cuidaremos do resto do castelo e o devolveremos à sua antiga glória.

— Mas como é possível uma coisa dessas?

— O que você está perguntando, na verdade, é como tive dinheiro. Por que não confiou em mim? Por que decidiu, a partir do momento em que me conheceu, que eu era um João-ninguém, completamente desprovido de recursos?

— Achei que você tinha voltado para o castelo com a esperança de encontrar o que vender.

— E quando me viu olhando os quadros de Van Dyke, chegou à conclusão de que eu tinha a intenção de me desfazer deles.

— E... Não tinha?

— Acontece que sou muito rico, meu bem. Tenho dinheiro suficiente para nós dois, e não preciso me casar com você por sua fortuna.

— Nunca me passou pela cabeça que seria capaz disso.

— Sim, eu sei, mas você acreditava que eu estava decidido a esbanjar a herança de minha família com cavalos e com os divertimentos que encontraria em Londres.

Prunella escondeu a cabeça em seu ombro.

— Perdoe-me!

— Só a perdoarei se prometer não me julgar por crimes que não cometi.

— Prometo, sim.

— Agora, acho que deve me agradecer pelo primeiro presente que lhe dei. Tenho mais outro em meu quarto e vários chegarão de Londres dentro de alguns dias, mas talvez este seja o mais importante.

Prunella ergueu a cabeça lentamente e seus lábios se encontraram.

Sentiu o quanto ele a queria. Apesar de não tentar se opor ou lutar, não estava preparada para enfrentar o modo como o seu corpo parecia se derreter ao contato daquele corpo másculo.

Os lábios dele tornaram-se mais apaixonados e mais exigentes, transportando-a para aquela êxtase selvagem e embriagador, que a fazia sentir como se estivesse sendo transportada para as estrelas.

Isto é o amor! Pensou.

Era um sentimento tão poderoso, tão irresistível, tão profundamente maravilhoso, que nada mais neste mundo importava.

Por um momento, pensou que, se ele lhe oferecesse escolher entre aquela felicidade e a posse de um quadro de Van Dyke, sua decisão já estaria tomada.

O que queria era o amor; o amor dele e não os quadros, dinheiro ou quaisquer outros bens materiais.

— Eu o amo!

— E eu também, meu anjo! Você me enfeitiça, me intriga, me fascina, o que aconteceu desde que a vi pela primeira vez, com aquela expressão de censura e condenação no olhar.

— Está caçoando de mim

— Caçoando, não. Amando, pois você é tudo o que procurei no mundo e jamais esperei encontrar.

— É verdade?

— O que mais poderia fazer, senão amá-la meu anjo, não só por sua beleza, mas por ser o oposto de tudo aquilo que tenho sido?

— Não me importaria o que você tem sido.

— Está falando a sério?

Encarou-o, com os olhos brilhando.

— Eu o amo, do jeito que você é. Tem razão: o amor é irresistível e. . . Maravilhoso!

Prunella notou seu sorriso, antes que ele a apertasse nos braços e a beijasse.

Beijou-a, até que tudo à sua volta pareceu desaparecer e não ficou mais nada, a não ser o céu todo estrelado.

Aquilo que possuíam precioso e divino, era o tesouro que todos os homens e mulheres procuram: o amor que não pode ser comprado, mas só dado por Deus.

FIM